

Henrique Cornélio Agrippa

Compilação e Notas de

Donald Tyson

**Três Livros de
Filosofia Oculta**

Escritos por

Henrique Cornélio Agrippa

de Nettesheim

*Completamente anotado, com comentários modernos
da Foundation Book of Western Occultism*

Conforme Novo Acordo Ortográfico

Tradução:

Marcos Malvezzi



MADRAS®

Publicado originalmente em inglês sob o título *Three Books of Occult Philosophy*, escrito por Henry Cornelius Agrippa of Nettesheim, por Llewellyn Publications Woodbury, MN 55125 USA, www.llewellyn.com

© 1993, Donald Tyson.

Direitos de tradução para todos os países de língua portuguesa.

Tradução autorizada do inglês.

© 2008, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Tradução:

Marcos Malvezzi

Revisão:

Sérgio Scutto

Silvia Massimini Felix

Denise R. Camargo

Carolina Hidalgo Castelani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tyson, Donald

Três livros de filosofia oculta / escritos por Henrique Cornélio Agrippa de

Nettesheim ; compilação e comentários de Donald Tyson ;

tradução Marcos Malvezzi. — São Paulo : Madras, 2008.

Título original: Three books of occult philosophy.

“Completamente anotado, com comentários modernos da Foundation Western Occultism”.

Bibliografia

ISBN 978-85-370-0380-0

1. Magia - Obras anteriores a 1800 2. Ocultismo - Obras anteriores a 1900 I. Agrippa von Nettesheim, Heinrich Cornelius, 1486?-1535.

II. Título.

08-06187 CDD-133

Índices para catálogo sistemático:

I. Filosofia oculta 133

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei n° 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

CEP: 02403-020 — São Paulo/SP

Caixa Postal: 12299 — CEP: 02013-970 — SP

Tel.: (11)2281-5555 — Fax: (11)2959-3090

www.madras.com.br



Dedicatória

*À minha mãe,
Ida Tyson,
por seu apoio inabalável.*



Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a todos os autores e editores que me permitiram usar citações de obras que ainda se encontram sob direitos autorais. Essas citações tornaram as notas muito mais vivas e úteis do que seriam sem elas. Agradeço pela autorização de usar extratos de:

The Odyssey of Homer (Odisseia, de Homero), traduzido por Richmond Lattimore. © 1965 Richmond Lattimore. Reimpresso por permissão da Harper Collins Publishers Inc.

The Illiad of Homer (Ilíada, de Homero), traduzido por Richmond Lattimore. © 1951 The University of Chicago. Reimpresso por permissão da University of Chicago Press.

Kabbalah, de Gershom Scholem. © 1974 Keter Publishing House Jerusalem Ltda. Reimpresso por permissão da Keter Publishing House.

The White Goddess, de Robert Graves. © 1948 e renovado © 1975 Robert Graves. Reimpresso por permissão da Farrar, Straus and Giroux, Inc.

Pharsalia, de Lucano, traduzido por Robert Graves. © 1961 Robert Graves. Reimpresso por permissão da A. P. Watt Ltd, nos interesses dos herdeiros de Robert Graves.

Ptolemy: Tetrabiblos, traduzido por F. E. Robbins. Reimpresso por permissão da The Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1940.

Mathematics Useful for Understanding Plato, de Theon de Smyrna, traduzido por Robert e Deborah Lawlor. © 1978 Wizards Bookshelf. Reimpresso por permissão da Wizards Bookshelf.

Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy, de Mircea Eliade, traduzido por Willard R. Trask. Bollingen Series LXXVI. © 1964 Princeton University Press. Reimpresso por permissão da Princeton University Press.

Eleusis and the Eleusinian Mysteries, de George E. Mylonas. © 1961 Princeton University Press. Reimpresso por permissão da Princeton University Press.

The Survival of the Fagan Gods: The Mythological Tradition and Its Place in Renaissance Humanism and Art, de Jean Seznec, traduzido por Barbara F. Sessions. Bollingen Series XXXVIII. © 1953 Princeton University Press. Reimpresso por permissão da Princeton University Press.

Ancient Astrology Theory and Practice por Firmicus Maternus, traduzido por Jean Rhys Bram. © 1975 Jean Rhys Bram. Reimpresso por permissão da Noyes Press.

The Letters of the Younger Pliny, traduzido por Betty Radice. © 1963 Betty Radice. Reimpresso por permissão da Penguin Books Ltd.

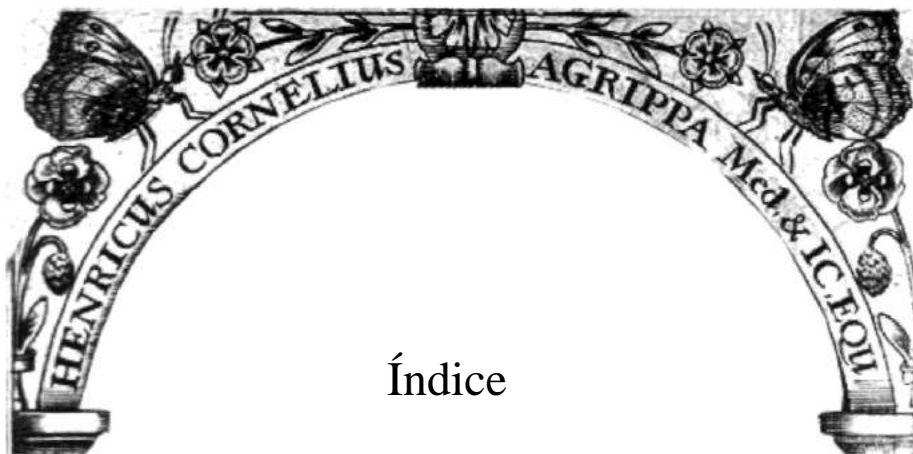
The Early History of Rome, de Tito Lívio, traduzido por Aubrey de Selincourt. © 1960 Patrimônio de Aubrey de Selincourt. Reimpresso por permissão da Penguin Books Ltd.

The Voyage of Argo, de Apolônio de Rhodes, traduzido por E. V. Rieu. © 1959, 1971 E. V. Rieu. Reimpresso por permissão da Penguin Books Ltd.

The Conquest of Gaul, de César, traduzido por S. A. Handford. © 1951 Patrimônio de S. A. Handford. Reimpresso por permissão da Penguin Books Ltd.

Hesiod and Theognis, traduzido por Dorothea Wender. © 1973 Dorothea Wender. Reimpresso por permissão da Penguin Books Ltd.

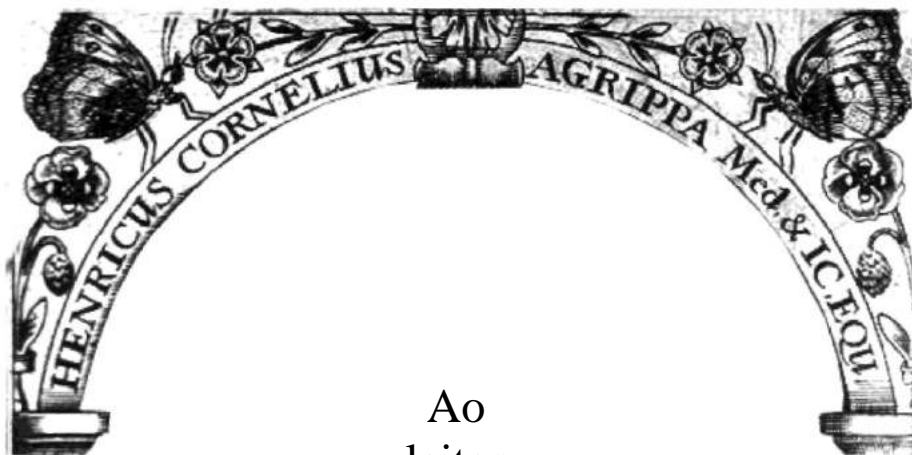
The History of Magic and Experimental Science, de Lynn Thorndike. 8 volumes. Volumes LIV © 1934; volumes V-VI © 1941; volumes VII e VIII © 1958. Reimpresso por permissão da Columbia University Press.



Índice

Capa – Orelhas – Contracapa	
Ao leitor, por Donald Tyson	11
A vida de Agrippa	13
A respeito da <i>Filosofia Oculta</i>	45
Nota sobre o texto	50
Três Livros de Filosofia Oculta	
Um encômio dos três livros de Cornélio Agrippa, cavaleiro, por	
Eugenius Philalethes	53
A vida de Henrique Cornélio Agrippa, cavaleiro	55
Ao leitor	57
Ao R.P.D. Johannes Trithemius, abade de São Tiago	
nos subúrbios de Herbipolis	59
Johannes Trithemius, abade de São Tiago de Herbipolis	63
Ao reverendo padre em Cristo e ilustríssimo príncipe Hermano,	
conde de Wyda	65
Leitor judicioso!	67
A meu honorável, e não menos douto amigo, Robert Childe,	
doutor em física	69
Livro I	71
Livro II	343
Livro III	583
Ao reverendo Padre e Doutor de Divindade Aurélio de Aquapendente,	
frade agostiniano; Henrique Cornélio Agrippa manda saudações	866
Para o mesmo homem	868
Henrique Cornélio Agrippa envia saudações a um certo amigo	
da Corte do Rei	870
A censura, ou retratação de Henrique Cornélio Agrippa, acerca da magia, após sua	
declamação da vaidade das ciências, e da excelência da	
palavra de Deus Da magia em geral	876
Da Magia Natural	877
Da Magia Matemática	880
Da Magia de Encantamento	881
De goetia e necromancia	884

Da teurgia.....	889
Da Cabala.....	891
De ilusionismo e prestidigitação.....	897
Apêndice I	
Tábua de Esmeralda.....	901
Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto.....	904
Apêndice II	
A Alma do Mundo.....	906
Apêndice III	
Os elementos.....	914
Apêndice IV	
Os humores.....	926
Apêndice V	
Quadrados mágicos.....	931
Apêndice VI	
Os <i>Sephiroth</i>	953
Apêndice VII	
Cabala Prática.....	964
Apêndice VIII	
Geomancia.....	977
Dicionário biográfico.....	991
Dicionário geográfico.....	1058
Índice de citações bíblicas.....	1072
Bibliografia.....	1082



Ao leitor

Editar e anotar os *Três Livros de Filosofia Oculta* foi uma tarefa monumental. Foi necessário reconstruir e redesenhar, ou pelo menos realizar emendas em todas as tabelas e ilustrações, geralmente sem orientação, uma vez que os erros da edição em inglês foram transcritos de seu modelo em latim. Obras modernas como *The Magus*, de Barrett, não ajudaram nesse sentido, pois elas apenas traziam os mesmos erros. Felizmente, examinando a lógica interior das estruturas, foi possível corrigi-las, talvez pela primeira vez nos 500 anos da história da obra.

Todos os nomes e ervas farmacológicas, pedras mágicas, lugares obscuros ou esquecidos e autoridades há muito falecidas tiveram sua origem localizada e verificada, sempre que possível. Alguns nomes foram inevitavelmente corrompidos, ou encontrados em obras que só existem em manuscrito ou em raras cópias em latim ou grego. Às vezes, não há informação suficiente para se determinar de que autoria Agrippa está citando. Outras vezes, Agrippa refere-se a obras que não existem mais, embora seja difícil saber ao certo, já que existem nas bibliotecas europeias muitos manuscritos que até os estudiosos ignoram.

Para a compilação das notas, eu tentei primeiro citar as próprias fontes que Agrippa tinha a seu dispor enquanto escrevia; depois, dei preferência a obras clássicas a que ele devia ter acesso; em seguida, a obras contemporâneas de Agrippa, que ilustram sua época; e por fim, a obras modernas, que contribuem com algumas informações úteis.

Dentro de minhas melhores possibilidades, procurei e, portanto, cito referências de páginas exatas àquelas obras citadas ou aludidas no texto. Quando as citações de Agrippa são obscuras ou incompletas, cito a mesma obra nas notas para efeito de comparação. Meu objetivo foi colocar neste volume que o leitor tem em mãos o material de referência usado por Agrippa, tanto quanto poderia ser comprimido em um espaço pequeno, e fazer referência devida àquelas fontes que não poderiam, ou não precisavam, ser citadas nas notas. Meu propósito em incluir tão copiosas notas é que o leitor sério possa considerar o texto dentro do contexto de suas alusões clássicas, sem o trabalho cansativo e vexatório de pesquisar as referências.

Algumas omissões foram inevitáveis. Não foi possível, com o tempo e os recursos que me eram disponíveis, determinar e verificar a origem de todas as centenas de fontes de Agrippa. O leitor pode ter certeza de que não foi por falta de tentativa, e, se ele tiver alguma dúvida, a mesma dúvida deve ter aparecido na mente do editor, que achou impossível resolvê-la.

Há tantos vultos clássicos, semimíticos e históricos mencionados que considerei útil compilá-los no fim do livro e apresentar uma curta biografia de cada um. Nessas sínteses biográficas, tentei abordar os assuntos que levam Agrippa a mencionar seus nomes. Do mesmo modo, as numerosas referências a lugares obscuros no mundo antigo foram identificadas, examinadas com relação à menção de Agrippa e localizadas no mapa - algo que o editor crê que o leitor só compreenderá se tentar localizar tais lugares usando os Atlas convencionais.

Os apêndices foram incluídos para iluminar tópicos importantes que Agrippa apenas abordou de modo superficial, como a Alma do Mundo, os elementos, os humores, geomancia, a doutrina hebraica esotérica das emanações, e outros. No apêndice V, os quadrados e selos mágicos, bem como os sigilos relacionados de seus espíritos, são explicados e devidamente representados, talvez pela primeira vez. O uso desses sigilos é praticamente universal no ocultismo moderno, mas os erros são copiados porque aqueles que os usam transmitem-nos sem saber o que significam ou como fazê-los. Esse apêndice justifica muito a compra deste livro para quem tem um interesse profundo na magia ocidental.

De fato, tantos erros passados na tradição ocultista ocidental há séculos são corrigidos aqui pela primeira vez que nenhum verdadeiro estudante da Arte pode se dar ao luxo de não ter este livro. Não estou me gabando - é simplesmente um fato. Essas correções devem ser mencionadas, mas tentei indicar as mais importantes nas notas.

O editor não tem a pretensão de ser onisciente. Em muitas ocasiões, senti uma falta profunda do latim, do grego e do hebraico. Parte de minha análise astrológica é conjectural, pois estou longe de ser um especialista em Astrologia antiga. É muito improvável que as informações fornecidas nas notas não contenham nenhum erro. Peço perdão por quaisquer incorreções que possam ter passado para o texto, erros que lamento tanto quanto o leitor.

Apesar do grande trabalho que me deu este livro, valorizo cada minuto passado nele, pois me deu o que espero dar ao leitor sério - o equivalente a um grau universitário em magia da Renascença. Essa, desconfio eu, era a intenção de Agrippa. Ele leva o leitor de um tema a outro, de uma autoridade clássica a outra, até que um cabedal de conhecimentos se acumule, abrangendo todo o escopo do ocultismo neoclássico e hebraico, como era compreendido no fim da Idade Média. Agrippa sabia que nunca seria capaz de compilar toda a literatura da magia em um único volume, por isso indicou o caminho. O leitor lucrará enormemente se seguir sua direção.



A vida de Agrippa



enrique Cornélio Agrippa de Nettesheim nasceu em 14 de setembro de 1486, na cidade alemã de Colônia. Sua família, os von Nettesheim, eram pequenos nobres que tinham servido na casa real da Áustria por várias gerações. Quando Agrippa nasceu, seu pai ainda estava engajado nesse serviço, e o próprio Agrippa menciona em suas cartas (epístola 18, livro 6; epístola 21, l. 7)* que quando menino aspirava a nada mais nobre que assistir o novo imperador alemão Maximiliano I, que sucedera a seu pai em 1493, o imperador Frederico III, quando Agrippa tinha 7 anos.

O nome Agrippa era incomum naquela época. Há duas explicações possíveis para isso. Aulo Célio (*Noctes Atticae* 16.16) diz que a palavra “agrippa” foi cunhada pelos romanos para indicar uma criança que nascesse virada e a dificuldade vivida pela mãe nesse tipo de parto. Assim era usado o termo pelos romanos, e há evidência do mesmo uso em épocas posteriores pelos estudiosos

europeus e membros da nobreza, ansiosos para demonstrar sua sapiência clássica. O nome pode ter sido dado ao bebê von Nettesheim para celebrar o modo como nasceria.

A outra possibilidade envolve a cidade de Colônia, que se erguia na região do principal povoado dos Ubii chamado Oppidum (ou Civitas Ubiorum). A esposa do imperador Cláudio, Agrippina, nasceu nesse local, e por causa dela foi estabelecida, no ano 51, uma colônia na localidade chamada Colônia Agrippina, ou Agrippinesis, em homenagem a ela. Os habitantes eram chamados de agrippinenses. Nettesheim, ou Nettersheim, era uma pequena aldeia a cerca de 40 quilômetros a sudoeste de Colônia; mas foi Colônia que serviu de residência para a família Von Nettesheim quando ela não se encontrava presente na corte imperial. Como era costume os nomes indicarem o local de origem, talvez Agrippa significasse de fato Colônia, o verdadeiro lar da família.

Agrippa tirou a primeira e a última parte de seu nome - quase sou inclinado a dizer a metade alemã - e

* Todas as referências às cartas são do volume 2 da *Opera* latina publicada em Lion.

em seus escritos refere-se a si mesmo como Cornélio Agrippa.

Quando garoto, Agrippa exibia um intelecto precoce e se tornou o assunto da cidade quando se recusou a falar qualquer língua além do latim. Seu talento para línguas era apoiado por uma memória extraordinariamente retentora. É provável que os estudos desse filho de uma família nobre destinada à corte imperial fossem supervisionados, pelo menos de modo indireto, pelo arcebispo de Colônia.

O próprio Agrippa confessa em uma carta (epístola 23, 1, 1) que desde muito jovem ele era dominado por uma curiosidade pelos mistérios. Esse interesse pelas coisas secretas pode ter sido romantizado e exagerado pela sombra histórica do grande estudioso do oculto e célebre mestre da magia Alberto Magno (1193-1280), que ensinava Filosofia em Colônia, cidade onde também foi sepultado. Ele escreve a Teodorico, bispo de Cirene, que um dos primeiros livros de magia que estudou foi *Specularii*, de Alberto.

Devia ser fácil para um jovem corajoso e rico adquirir os grimórios de magia em um centro comercial e escolástico tão prolífero.

Em 22 de julho de 1499, ele se matriculou na faculdade de Artes da Universidade de Colônia sob Petrus Capitis de Dunnen e, em 14 de março de 1502, recebeu a licenciatura. Seus outros títulos formais são considerados incertos, mas não parecem improváveis. Agrippa afirmava possuir doutorado em Direito Canônico e Civil, bem como em Medicina, mas as datas e os lugares em que tais

doutorados foram obtidos ainda são motivo de especulação.

Agrippa escreve (epístola 21, 1, 7) que serviu ao imperador Maximiliano I como secretário, depois como soldado. Os eventos iniciais de sua vida na corte são obscuros. Ele era o tipo de jovem que devia agradar ao intelectual e fisicamente audacioso Maximiliano. Aos 20 anos, ele aparece na Universidade de Paris, ostensivamente como estudante, mas talvez na realidade como um espião diplomático e instrumento para as contínuas intrigas do imperador. As habilidades linguísticas de Agrippa, sua perspicácia e sua inabalável lealdade faziam dele a escolha perfeita para tal missão.

Em Paris, Agrippa reuniu à sua volta, como faria com frequência em anos vindouros, um grupo de estudiosos empenhados em pesquisar os mistérios ocultos. Foi em meio a esse grupo que se urdiu a incrível trama que tanto influenciaria sua vida, mais tarde. Um de seus colegas estudantes, o espanhol Juanetin de Gerona (ou, na forma latinizada, Ianotus Bascus de Charona), tinha sido expulso do distrito de Tarragona por uma revolta de camponeses. Foi decidido que ele retornaria ao poder em Tarragona, e, por gratidão, aliou-se a Maximiliano I contra seu próprio rei, Fernão da Espanha, tornando-se, na prática, um traidor. Os detalhes completos da trama não são conhecidos, e só com dificuldade imaginados - a política do período era incrivelmente cheia de reviravoltas. O seguinte relato da aventura escrita por Molley, *Life of Agrippa*, é conjectural, e nenhum biógrafo depois dele pôde determinar com certeza a geografia do episódio.

Agrippa escreveu para um amigo na corte, que de bom grado encorajou a intriga (epístola 4, l. 1), mas não se sabe com clareza se o próprio imperador sabia. O ponto central da trama era um plano audacioso para a tomada do Forte Negro (Fuerto Negro), que se situava em um local de grande altura, de onde se via a cidade de Tarragona. Ele deveria ser guardado até que chegassem reforços para abafar o levante local catalão. O forte não podia ser tomado por meio de um ataque direto, mas sim por subterfúgio, com um grupo liderado por Agrippa e outros. Agrippa foi o cérebro e o principal perpetrador de toda a operação.

Pouco antes da tentativa de tomada, que ocorreu no verão de 1508, Agrippa tinha grandes dúvidas quanto ao valor de seus colegas conspiradores e à lealdade dos cortesãos de Maximiliano, que estavam ansiosos demais para jogar um deles aos lobos da fortuna ao menor sinal de fraqueza. Talvez ainda mais constrangedores para um jovem de honra imaculada fossem os métodos empregados: “Só com uma consciência deturpada, poder-se-ia querer continuar com tão cruéis artifícios, que afinal de contas estão mais próximos de crime que de bravura, e tudo em nome de um príncipe mal-intencionado que nos expõe ao ódio universal, provando-se totalmente ímpio e louco” (epístola 5, l. 1).

Como Agrippa e seu pequeno bando de conspiradores tomaram a fortaleza inexpugnável, erguida em um passado obscuro pelos celtas? É tentador especular que o uso da magia foi aplicado, uma vez que ela era uma parte central da vida intelectual

de Agrippa, na época. A tomada do forte provavelmente continha um elemento em comum com a prestidigitação em palcos - quando o truque é conhecido, o espectador tende a vê-lo com desprezo por causa de sua simplicidade. Sequestros, subornos, mentiras - é impossível saber as ações do plano. De alguma forma, Agrippa e seus homens ganharam o comando completo de Fuerto Negro.

Após terem capturado o forte, não se sabe se os conspiradores tinham alguma ideia do que fazer com ele. Agrippa foi enviado com um pequeno contingente para guarnecer a casa de Gerona em Villarodona, uma cidadezinha na província de Tarragona. Gerona, por sua vez, partiu para Barcelona para buscar assistência, mas foi capturado no caminho pelos rebeldes. Depois de muitos dias de angustiada espera, sem uma notícia da volta dele, Agrippa foi informado da captura de Gerona e de que a casa logo estaria sitiada. Era impossível defender a casa com tão poucos homens contra uma contingente grande e determinado. Por prudência, Agrippa decidiu abandoná-la e se transferiu para uma torre de pedra a 5 quilômetros dali, quase totalmente cercada de água e muito mais fácil de fortificar.

Mal ele tinha se assentado entre as muralhas, o exército de camponeses o atacou. Mas Agrippa tinha feito uma boa escolha. Os camponeses obstinados se prepararam para um cerco longo, determinados a capturar “o alemão”, como chamavam a Agrippa, culpando suas artes negras pelo massacre da guarnição de Fuerto Negro. Passaram-se semanas. Era necessário levar uma mensagem para fora do

local sitiado, para que fosse possível uma fuga através do pântano e do lago que ficavam atrás da torre, mas isso não poderia ser feito por meios convencionais.

Agrippa teve então a ideia de disfarçar o filho do guardião da torre; e o plano funcionou tão bem que o garoto conseguiu sair da torre e retornar com uma resposta do arcebispo de Tarragona, que se opunha à causa dos rebeldes, sem jamais ter sido desafiado. Na escuridão da noite, o grupo sitiado desceu da torre por trás e esperou até a manhã de 14 de agosto de 1508, quando, às 9h, dois barcos de pesca atravessaram o lago, transportando-os em segurança.

Para os camponeses, essa fuga -tão audaciosa e inesperada - deve ter parecido mais que natural. Ela sustentava a lenda do poder profano de Agrippa, que na época começava a criar raízes.

Um Agrippa desmoralizado parece ter lavado as mãos de uma vez por todas tanto da intriga não resolvida em Tarragona quanto de todas as maquinações políticas em geral. Depois de passar nove ou dez dias na segurança da abadia, em 24 de agosto de 1508, ele partiu para ver e conhecer mais do mundo, enquanto ao mesmo tempo procurava notícias de seus companheiros espalhados. Ele não tinha pressa em voltar para a corte de Maximiliano. Na verdade, sua opinião a respeito do serviço à corte nunca se recuperou do efeito decepcionante do incidente em Tarragona.

Ele viajou primeiro a Barcelona, depois a Valença, onde conheceu o astrólogo Comparatus Saracenus, um discípulo de Zacutus. Vendeu seus cavalos e embarcou para a Itália, doutu

parando nas ilhas Baleares e na Sardenha, depois em Nápoles. De lá, ele singrou para a França. O tempo todo continuou escrevendo cartas e indagando acerca do destino dos membros de seu círculo de Paris. Em Avignon, ele foi obrigado a parar um pouco para obter dinheiro, pois as viagens tinham exaurido seus recursos financeiros. Em uma carta, ele expressou seu desejo de mais uma vez poder contar com seus companheiros de Paris: “Nada mais resta, depois de tantos perigos, que insistirmos em encontrar nossos irmãos combatentes e nos absolver dos juramentos de nossa confederação para que recuperemos nosso velho estado de companheirismo e o mantenhamos intacto” (epístola 9,1. 1).

Pouca dúvida há de que o círculo de Paris era mais que apenas um casamento político de conveniência. Era uma irmandade oculta de homens jovens atraídos por Agrippa graças ao seu conhecimento e entusiasmo pelos mistérios da magia e da religião. Embora o termo “rosa-cruz” nada signifique antes do surgimento de um panfleto publicado em Cassel, Alemanha, em 1614, o grupo de aspirantes de Agrippa pode ser visto como um protótipo desse movimento. Para Agrippa, a magia era a mais nobre e sagrada das disciplinas, capaz de transformar a alma. Ele certamente teria comunicado essa crença a seus seguidores, e nunca teria tolerado nada menos que reverência pelo estudo das artes mágicas.

Era um tempo de intenso debate e estudos dos mistérios para Agrippa. Mesmo quando seus amigos não podiam estar com ele, indicavam outros com semelhante interesse como

potenciais membros da irmandade: “O portador destas cartas”, escreve um amigo a Agrippa, “é alemão, nativo de Nuremberg, mas residente atual de Lion; e é um inquiridor curioso dos mistérios ocultos, um homem livre, em nada impedido, que, impelido não sei por quais rumores sobre você, deseja sondar sua profundidade” (epístola 11, l. 1).

Quando os meios financeiros permitiram, Agrippa foi a Lion, onde seus amigos o aguardavam, e prosseguiu com seus estudos, que naquela época provavelmente se concentravam em aprender hebraico e a cabala das obras de Johannes Reuchlin: *De verbo mirifico*, publicadas na Alemanha em 1494, bem como a gramática e o dicionário de hebraico de Reuchlin, publicados em 1506. Reuchlin teve uma influência enorme, naqueles dias, em mentes como Erasmo e Lutero. Seus escritos determinaram o tom filosófico da Reforma.

Com 23 anos de idade, Agrippa desfrutava o auge da era de ouro de sua maturidade intelectual. Ele já tinha compilado as notas para sua *Filosofia oculta*. Transbordando com a sabedoria de Reuchlin, ele decidiu dar uma série de palestras a respeito do *Mundo mirifico* no verão de 1509 na universidade de Dole. As aulas eram gratuitas e dadas ao público geral, em homenagem à princesa Margaret, filha do imperador Maximiliano I. Ela tinha 29 anos e fora nomeada pelo pai governadora da Holanda, de Borgonha e Charolais, tornando-se mestra de Dole. A princesa era renomada por seu incentivo ao aprendizado, e, mais importante sob o ponto de vista de Agrippa, por sua generosidade para com as artes e as letras. Agrippa achou

prudente iniciar a série de palestras com um panegírico da princesa Margaret. Um amigo providenciou para que uma cópia do tributo chegasse à corte dela.

Embora Agrippa não pudesse saber disso, aquele foi o período mais promissor e talvez mais feliz de sua vida. Suas aulas eram recebidas com as maiores aclamações. A universidade lhe conferiu o título de professor de teologia e um estipêndio. Vinham homens de lugares distantes apenas para conversar com ele a respeito de assuntos arcanos.

Para solidificar os favores da princesa Margaret, Agrippa escreveu em 1509 *De nobilitate et praeclletia faeminei sexus* (A nobreza do sexo feminino e a superioridade das mulheres sobre os homens). O texto contém sentimentos que enalteceriam Agrippa aos olhos das feministas de hoje:

... a tirania dos homens prevalecendo sobre as leis e os direitos divinos da natureza destrói pela lei a liberdade das mulheres, abole-a pelo uso e costume, extingue-a pela educação. Pois a mulher, assim que nasce, fica detida em casa, no ócio, e como se fosse destituída da capacidade para ocupações maiores, nada mais pode conceber além da agulha e da linha. E, então, quando chega aos anos da puberdade, é entregue ao ciumento império de um homem ou trancafiada para sempre entre as Vestais. A lei também proíbe que ela ocupe cargos públicos. Nem a prudência lhe dá o direito de se pronunciar em tribunais abertos (Citado por Morley, 1856,1:109).

Também em 1509 e no início de 1510, Agrippa escreveu a primeira

versão dos *Três Livros de Filosofia Oculta*, que enviou para ser lida e comentada ao abade Johannes Trithemius, de São Tiago em Wurtzburg. Ex-abade do mosteiro beneditino de São Martinho em Sponheim (ou Spanheim), em outubro de 1506, ele tinha se tornado chefe da abadia de São Tiago em Wurtzburg. Segundo Henry Morley, Agrippa conheceu Trithemius quando retornou da Espanha (Morley 1:214).

A respeito da *Filosofia Oculta*, escreve Frances A. Yates: “A obra foi dedicada a Trithemius, que sem dúvida exerceu importante influência nos estudos de Agrippa” (Yates 1983, 38). Embora eu não possa provar, com base nas informações que compilei acerca da vida de Agrippa, creio que tal afirmação subestima o caso. O tom das cartas entre o abade e Agrippa, a natureza dos escritos de Trithemius, o fato de ele ter deixado alguns desses escritos a Agrippa quando morreu e a harmonia existente entre as ideias dos dois homens levam-me a acreditar que Trithemius era o mestre místico e professor de Agrippa, particularmente na área de magia que lidava com a invocação de espíritos. Eu não me surpreenderia se descobrisse que os dois se correspondiam, e até já tinham se conhecido, antes de 1508, talvez quando o jovem Agrippa ainda morava em Colônia. Quando seu interesse prematuro pela magia começou a despertar, ter-lhe-ia sido natural procurar o reconhecido mestre de sua arte em Spanheim. É preciso deixar claro que tudo isso é apenas conjectura de minha parte.

Foi mais ou menos nessa época que a sorte de Agrippa começou a mudar para pior. Se ele tivesse sido

menos honesto e de mente nobre, poderia ter previsto tal mudança. O líder dos monges franciscanos na Borgonha, João Catilinet, foi escolhido para fazer os sermões da Quaresma em 1510, diante da princesa Margaret, em Ghent. Ele escolheu como tema as palestras sobre Reuchlin feitas em Dole e atacou tanto as ideias quanto o jovem e entusiasta expoente como ímpios. Margaret era uma cristã devota. A opinião que ela formara de Agrippa, a distância, ficou envenenada. Naquele século, era sempre perigoso defender os judeus diante da Igreja conservadora, que ainda os culpava pela Crucificação de Cristo.

Se Margaret leu o panegírico a ela, não se sabe - foi enviado a sua corte, mas isso não significa que ela o viu. A princesa ainda não tinha lido o tratado de Agrippa *Sobre a preeminência das mulheres*, que só seria publicado em 1532. A publicação foi postergada por tanto tempo por causa da opinião desfavorável criada na mente de Margaret a respeito de Agrippa pelo monge franciscano. Se ela o tivesse lido, as audaciosas ideias contidas na obra poderiam ter aplacado sua hostilidade, mas isso não aconteceu. Agrippa perdera, pelo menos no momento, a patronagem de quem ele buscara mais que de qualquer outro.

Contra a vontade, ele se viu forçado a se afastar do caminho de um estudioso e retornar ao do diplomata na corte de Maximiliano. No fim do verão ou início do outono de 1510, foi enviado como embaixador para a corte de Henry VIII em Londres. Agrippa se instalou na cidade de Stepney, perto de Londres, na casa de Colet, decano da Igreja de Saint Paul. Lá, quando não estava ocupado com

seus deveres da corte - que pareciam consistir em bailes de máscara, torneios, luta livre e outras diversões -, ele encontrou um espírito congenial e se dedicou a um sério estudo das Epístolas de São Paulo, sob a orientação do bom decano.

Foi nesse período, creio, que Agrippa começou a mesclar seu entusiasmo por magia e pelo estudos do oculto com um fervor cada vez maior pelas verdades do Cristianismo. Sempre fora devoto, mas o *glamour* da magia tinha feito as virtudes de sua fé cristã parecerem fracas, em comparação. Agora, com o exemplo de um verdadeiro cristão, o decano Colet, sempre por perto, Agrippa começava a reavaliar os ensinamentos de Cristo. A paixão própria de sua natureza provocou, pelo menos por algum tempo, uma repulsa pelas crenças pagãs que até pouco tempo antes ele considerava sacratíssimas. A ambivalência entre os ensinamentos cristãos e pagãos persistiria até o fim de sua vida.

Durante sua visita à Inglaterra, ele deve ter visitado Stonehenge, ou algum outro sítio neolítico, pois menciona “pilhas de pedra, que vi na Inglaterra, ajuntadas por meio de alguma incrível arte” (*Filosofia oculta*, 2.1). Na casa do decano Colet, ele escreveu *Expostulação acerca do mundo mirífico*, endereçando-a a João Catilinet, provavelmente sem muito efeito. O tom do texto não despertaria no monge franciscano uma disposição para perdoar, como este breve extrato demonstra:

Mas você, a quem eu era totalmente desconhecido, que nunca assistiu a nenhuma de minhas aulas e nunca me ouviu em lugar algum falando

em conversas particulares desses assuntos - que, pelo que eu saiba, jamais me viu -, ousou pronunciar contra mim uma opinião injusta, que seria melhor se fosse omitida, e assim deveria de fato ter sido; pois não só tal opinião é falsa, mas também não é digno de um homem religioso disseminar entre as sérias e sagradas comunidades cristãs tamanha calúnia e injúria, ato que não condiz com o ofício divino de um pastor (Citado por Morley 1:244).

Há motivos para se acreditar que Agrippa esteve em alguma missão secreta na Inglaterra. Ele fala de “muito secreto propósito” (*Opera* 2.596). Tal ideia não era improvável, se nos lembrarmos das constantes intrigas de Maximiliano. Morley especula que a tarefa de Agrippa era plantar as sementes da discórdia na mente do rei Henry contra o papa Júlio II (Morley 1:229), mas penso que Maximiliano não era tão ingênuo a ponto de acreditar que Henry se deixasse abalar pelas palavras de um jovem diplomata alemão, em um assunto tão sério - a menos que Maximiliano esperasse que Agrippa fosse apelar para as artes negras para influenciar a mente do rei.

Em 1511, Agrippa voltou a Colônia. Deu uma série de palestras chamadas *Quodlibetal* a respeito de vários assuntos da divindade na Universidade de Colônia, indicando que seu coração ainda batia forte pelos interesses escolásticos. Mais ou menos nessa época, a fúria dos teólogos ortodoxos contra Reuchlin e os judeus estava atingindo seu ápice fanático em Colônia. Livros judaicos eram ajuntados e queimados aos

montes. Com certeza, Agrippa devia ter muito material para debates calorosos.

É uma surpresa, portanto, que na primavera ou início do verão de 1511 ele tenha entrado no serviço militar. Talvez a honra o tenha levado a oferecer sua espada. Ou talvez tivesse algum outro plano - ele escreve para um amigo (epístola 30, l. 1) sobre a possibilidade de conseguir para ambos um título de professor na universidade italiana de Pavia. Mas, naquele momento, tudo não passou de um sonho. A tarefa imediata do capitão Agrippa era levar mil peças de ouro de Trento para o acampamento militar de Maximiliano em Verona. E isso ele fez sem incidentes.

De seu outro serviço militar nas guerras italianas pouco se sabe, exceto que Agrippa foi um soldado muito infeliz. Ele escreve: “Estive por vários anos sob o comando do imperador, e por minha decisão, um soldado. Segui o acampamento do imperador e do rei [francês]: em muitos conflitos, minha ajuda foi prestimosa: diante de meu rosto passava a morte, e eu segui o menestrel da morte, com a mão direita imersa em sangue, a esquerda dividindo os espólios: meu estômago estava farto da presa, e meus pés trilhavam por cima dos cadáveres dos abatidos: e, assim, acabei me esquecendo de minha honra mais íntima, envolvendo-me 15 vezes na sombra tartárea” (epístola 19, l. 2).

Em 1511, ou talvez no ano seguinte, ele recebeu o título de cavaleiro no campo. Não se sabe que serviço ou façanha armada gerou tal recompensa.

Naquela época, as guerras eram eventos sazonais. No fim do verão de 1511, Agrippa foi escolhido para atuar

como teólogo no Concílio de Pisa, realizado pelo rei Luís XII da França e pelo imperador Maximiliano I da Alemanha, com o objetivo ostensivo de reformar abusos eclesiásticos, mas cujo verdadeiro intento era desafiar a autoridade do papa Júlio II. Agrippa era uma escolha natural para representar a Alemanha, pois já se encontrava na Itália (um destino não muito apreciado para os bispos alemães naquele ano de guerra) e era bem conhecido como hábil orador. Junto a outros que compareceram ao Concílio, ele arriscou ser excomungado. Aproveitou-se da ocasião para falar de Platão na Universidade de Pisa. Quando o Concílio foi transferido para Milão, Agrippa retornou ao serviço militar, não muito perturbado pela ordem de excomunhão declarada contra ele e seus colegas membros do Concílio.

A sorte do papa Júlio melhorou no fim de 1511, e Maximiliano achou prudente abandonar Luís e se aliar a Henry VIII, que estava se preparando para invadir a França. Agrippa se recusou a abandonar os soldados que tinham lutado ao lado dele por tantos meses. Ele permaneceu na Itália com um pequeno contingente de soldados alemães e lutou com os franceses contra os exércitos suíços e venezianos do papa em Pisa, aguardando uma ordem específica do imperador para que saísse da Itália antes de abandoná-los. Nada havia de traiçoeira nessa decisão. Fora Maximiliano quem ferira a própria honra, não Agrippa.

Perto do dia 1º de julho de 1512, Agrippa foi feito prisioneiro perto de Pavia pelos suíços, junto com um contingente de cerca de 300 soldados

alemães. Ele obteve a liberdade, talvez com a ajuda de seu novo patrono, William Palaeologus, o marquês de Monferrat. No fim de novembro, ele se engajou formalmente a serviço do marquês, o que podia fazer sem problemas, uma vez que os objetivos do marquês condiziam com os do imperador Maximiliano, e se instalou na cidade principal de Monferrat, Casale.

Em fevereiro de 1513, quando o idoso Júlio II morreu, o novo papa, Leão X, enviou uma carta a Agrippa por meio de seu secretário revogando sua excomunhão. As exigências militares a Agrippa eram esporádicas. Ele tinha se tornado capitão de uma tropa de soldados, sob Maximiliano Sforza, o novo duque de Milão, mas as lutas foram poucas. Durante os dois anos seguintes, serviu a seus mestres mais na condição de diplomata que como soldado.

No verão de 1515, com a bênção de seu patrono Monferrat, Agrippa deu uma série de palestras sobre o *Pymander* de Hermes Trismegisto na Universidade de Pavia, das quais só resta hoje a oração introdutória. De acordo com Morley, elas foram tão aplaudidas que a universidade conferiu a ele doutorado em Divindade, Direito e Medicina.

Deve ter sido nesse período em Pavia que Agrippa se casou pela primeira vez, com uma mulher natural da cidade. Morley, que confunde a primeira mulher de Agrippa com a segunda, diz que ela nascera em Genebra e desposou Agrippa em sua viagem da Itália à França em 1509; mas Nauert, que parece estar mais bem informado, afirma com convicção que a primeira mulher de Agrippa, cujo nome não menciona, era de uma

família nobre de Pavia, e que a mais antiga menção do casamento aparece em uma carta datada de 24 de novembro de 1515 (ver epístola 48, l. 1). Embora não se fale muito dela, é evidente que Agrippa a amava muito.

Sua felicidade nessa fase da vida pode ser imaginada. Seguro de um patrono fiel, fazendo o trabalho que ele mais amava, abençoado com uma esposa adorável e dois filhos, um menino e uma menina, sem a perspectiva imediata de serviço militar, aquele foi um período de ouro, doce e amargo em sua brevidade. Anos depois, Agrippa escreveria a respeito de sua mulher:

Dou graças inumeráveis ao Deus onipotente, que me uniu a uma esposa de acordo com meu coração; uma donzela nobre e de boas maneiras, jovem, bela, que vive em perfeita harmonia com todos os meus hábitos, que nunca me dirige uma palavra de repreensão, motivo por qual me considero o mais feliz de todos os homens; por mais que mude nossa situação, em prosperidade e adversidade, ela é sempre gentil comigo, sempre afável, constante; justa na opinião e sábia nos conselhos, sempre dona de si (Epístola 19,1.2).

Alguns homens parecem destinados a nunca ter paz e segurança duradouras. No mesmo ano em que Agrippa ganhava fama por suas palestras em Pavia, Luís XII da França faleceu. Seu sucessor, Francisco I, invadiu Milão. Mais uma vez, Agrippa foi obrigado, contra sua vontade, a vestir o uniforme de soldado em defesa de seu novo mestre, Maximiliano Sforza. Na batalha de Marignano,

ocorrida em 14 de setembro de 1515, as forças suíças e italianas de Maximiliano com Agrippa foram derrotadas pelos reforços franceses e venezianos. Em Pavia, o poder passou para os franceses. Agrippa descobriu que não poderia mais dar aulas na universidade. Seu pagamento militar acabou.

O estado de espírito de Agrippa é claramente demonstrado por esta carta:

Ou por nossa impiedade, ou pela influência dos corpos celestes, ou ainda pela providência de Deus, que tudo governa, uma grande praga de armas, ou pestilência de soldados, espalha-se por toda parte, de modo que não se pode viver com segurança nem nas cavernas das montanhas. Para onde, pergunto, nesse tempo de suspeitas, irei com minha mulher e filho e família, uma vez que o lar e os bens da casa nos foram tirados em Pavia, e fomos espoliados de quase tudo o que possuíamos, exceto algumas coisas que se salvaram. Meu espírito está combalido e meu coração se perturba em meu peito, porque o inimigo persegue minha alma e humilha minha esposa. Penso em minha substância perdida, no dinheiro gasto, no estipêndio perdido, na nossa falta de renda, na exorbitância de tudo e no futuro que ameaça vir com mais males que o presente; e louvo antes os mortos que os vivos, tampouco encontro alguém que me console. Mas, voltando-me para mim mesmo, vejo que a sabedoria é mais forte que tudo e digo, Senhor, que sou eu para que te apercebas de mim, ou para que tenhas misericórdia de mim? (Epístola 49,1.1).

Para retribuir ao marquês por seu contínuo apoio durante aqueles perigosos e tortuosos períodos políticos, Agrippa dedicou-lhe duas de suas obras: *Diálogo sobre o homem* e *Caminho triplo para conhecer Deus*. O primeiro não existe mais.

Em 1516, ele morou com a família em Casale, sob a tutela do marquês, enquanto seus amigos faziam os maiores esforços para encontrar-lhe um local e uma renda. Para ocupar o tempo, ele dava aulas de Teologia na Universidade de Turim. Provavelmente, concentravam-se essas aulas nas epístolas de São Paulo, a que Agrippa tanto estudo dedicou durante sua permanência na Inglaterra. Por fim, no verão de 1517, Agrippa entrou para a corte do duque de Savoy, Carlos III, chamado de O Gentil, que era meio-irmão de Filiberto, o falecido marido de Margaret da Áustria. Embora não tivesse treino nem experiência na medicina prática, ele serviu como médico da corte. Monferrat tinha vínculos estreitos com a casa ducal de Savoy. Nessa época, a Alemanha e a França viviam em paz.

Não se pode evitar o pensamento de que, diante do rudimentar estado da Medicina do período, Agrippa, com sua prática mentalidade alemã e vasto conhecimento de magia natural, seria um médico melhor que muitos os que haviam sido treinados na profissão desde a infância. Em alguns sentidos, ele lembra seu contemporâneo Paracelso. Impaciente com as platitudes aceitas, ele tentava desvendar a verdade viva do passado, por meio de textos antigos, e do futuro a partir de experimentos. Mas Agrippa apreciava a prática de aplicar sanguessugas. Foi a necessidade que o

levou a se autorrepresentar como curandeiro.

Um de seus amigos não via com bons olhos o novo cargo de Agrippa, e escreveu expressando sua insatisfação em termos que se revelariam proféticos. De sua posição na corte de Savoy, ele registrou:

Não a elogio; seu pagamento será baixo, e você o receberá no dia do juízo. Enviei várias cartas ao governador de Grenole, pela mão do sobrinho dele, e espero logo obter uma resposta; depois do quê, se você me permitir, providenciarei tudo. Enquanto isso, veja que o duque de Savoy não feche o seu caminho para uma boa sorte maior (Epístola 5, l. 2).

Por que Agrippa não comunicou sua situação a seu pai nem voltou com a família para Colônia? Foi o orgulho que o impedira de escrever. Uma vez que fora à Itália para ganhar a vida, não suportava a ideia de voltar arrasado, implorando caridade. Seus amigos e parentes em Colônia não receberam notícias dele durante esse período e imaginaram que teria sido morto nas guerras italianas.

Embora Agrippa trabalhasse como médico para o duque de Savoy no verão e até o outono de 1517, ele não foi pago. O duque ainda não tinha determinado o salário adequado. Pode-se supor que Agrippa ganhava o pão de cada dia ao tratar pacientes por conta própria, fazendo o trabalho de um estudioso, escrevendo cartas, elaborando documentos legais, e assim por diante. No fim de novembro, o duque finalmente estipulou o pagamento pelos serviços de Agrippa. Era tão baixo que Agrippa não só recusou o cargo, como também nem

tocou no pagamento retroativo pelos meses que já tinha trabalhado e ao qual tinha direito.

Felizmente, aparecera uma vaga para ele de orador e advogado na cidade alemã de Metz. Fortalecido por essa boa notícia, Agrippa por fim foi capaz de reconciliar o orgulho com a vergonha e retornou a Colônia com a família para garantir a seus pais que estava prosperando. Para sua surpresa, descobriu que todos estavam de luto por ele, acreditando que teria morrido nas mãos dos franceses em Pavia.

Após uma visita de vários meses aos pais, ele foi com esposa e filho assumir seus deveres oficiais em Metz. Sua filha, que na época devia ser ainda bebê, não é mencionada, mas com certeza deve ter ido junto. Ao chegar, Agrippa se apresentou diante dos magistrados de Metz. Seu breve discurso a eles, que exalta a cidade de Metz e explica sobre si mesmo, ainda existe. Ainda existem também três discursos que ele escreveu depois, durante o período de sua posição oficial. São documentos oficiais, porém prosaicos.

Sem dúvida, Agrippa teve mais prazer em escrever um tratado *Sobre o pecado original*, que completou alguns meses após se instalar em Metz em 1518. Provavelmente, escreveu sua obra curta *De geomancia* em meio à estada na cidade - pelo menos foram encontrados seus papéis lá. Por volta dessa época, Teodorico, bispo de Cirene, escreveu pedindo a Agrippa uma receita contra a peste. Ele respondeu com o breve tratado *Antídotos mais seguros contra a peste*. O texto mostra que ele teria sido um bom médico. A melhor proteção, diz ele, é

sair da cidade até a peste acabar. Se você não puder sair, sua residência e suas roupas devem ser purificadas com o calor e a fumaça de um fogo ardente. É bom lavar as mãos e o rosto com frequência em vinagre e água de rosa, e sufumigar a casa com arruda batida em vinagre, inalando o vapor e deixando-o passar por todo o corpo e pelas roupas. Muitos dos outros remédios que ele menciona seriam inúteis, mas esses, ao menos, funcionam.

Agrippa viajou de Metz a Colônia em 1518, provavelmente para ficar ao lado de seu pai doente. Quando voltou a Metz, recebeu uma carta de sua mãe informando-o da morte do pai. Ele ficou muito abalado:

Entristece-me muito, e só encontro um conforto para essa dor: que devemos aceitar as determinações divinas; pois sei que Deus dá aos homens dádivas, nem sempre agradáveis, e com frequência até de adversidade, mas sempre nos auxilia aqui, ou na pátria celestial. Pois Deus age de acordo com Sua própria natureza, Sua essência, que é integralmente boa; portanto, Ele nada determina que não seja bom e salutar. Entretanto, essa é minha natureza humana: entristecer-me com veemência, e as profundezas de meu ser se agitam (Epístola 19,1.2).

A morte de seu pai, a mais pessoal de todas as mortes, pode ter impulsionado Agrippa pelo caminho que tinha começado a seguir enquanto estava na casa do decano Colet, na Inglaterra: o estudo sério e dirigido da Teologia. O tema aparece com maior frequência em suas cartas. Em 1519, ele começou a desfrutar o prazer de jantar com seu amigo, o padre

Claudius Deodatus (Nauert o menciona como Claude Dieudonne), no mosteiro celestino, local em que se envolvia em conversas a respeito do estado do homem antes da Queda, a queda dos anjos e outros tópicos extraordinários. Ele não fazia a menor questão de esconder sua admiração por Martinho Lutero, que estava começando a atrair a atenção por se colocar contra a corrupção na Igreja. O próprio padre Claudius se reunia frequentemente com ele para estudar as obras de Erasmo e Faber d'Étaples.

Apesar de toda a sua coragem, inteligência e eloquência, Agrippa tinha a inocência de uma criança. Ele não parecia desconfiar que os fios que vinha tecendo por toda a sua vida estavam conspirando para formar o nó que lhe seria passado em volta do pescoço. Como ele amava a verdade, acreditava que todos os outros homens a receberiam com os braços abertos. Como era um homem honorável, esperava honra dos outros. Como seus pensamentos voavam livres para onde quisessem ir, ele de fato acreditava que os outros homens lhe agradeceriam por lhes revelar sua servidão intelectual e ignorância.

Todos os assuntos que tinham interessado a alma de Agrippa desde a infância eram proibidos pela Igreja. Magia, filosofia grega, a cabala dos judeus, Hermes Trismegisto eram o mais puro veneno para o papa e seus bispos. Ora, Agrippa abriu seu coração, que buscava a verdade para adotar as primeiras ideias de reforma! Uma reação era inevitável.

Uma carta a Agrippa de seu discípulo, o padre Claudius, revela que as nuvens escuras estavam se formando:

Suas conclusões eu copieei com as próprias mãos em horas furtadas (pois sou ocupado demais, e quase não tenho horários de folga); não me atreveria a delegar essa tarefa a pessoa alguma, porque nossos irmãos são grosseiros e idiotas, perseguindo por inveja todos os que amam a boa literatura. Eles depreciam, e não pouco, o mestre Jacques Faber, também você e a mim; alguns chegaram a me atacar com insultos nada pequenos. Por isso, achei melhor esconder suas conclusões, para que o ódio deles não aumente (Epístola 24,1.2).

O prior do mosteiro celestino, Claudius Salini, após interrogar o padre Claudius Deodatus acerca de suas frequentes e demoradas visitas à casa de Agrippa, ficou convencido de que Agrippa estava ensinando heresia e proibiu o monge de vê-lo. Havia pouca coisa que o pequeno Salini podia fazer contra ele, de modo direto. Mas os moinhos dos boatos estavam girando e soprando uma brisa nefasta. Devemos nos lembrar de que Metz não era uma cidade com a mente voltada para a reforma. Ela tinha perseguido os judeus com grande crueldade e resistido às ideias de Lutero com igual ferocidade.

Agrippa teve a infeliz ideia de entrar em debate com um dos diáconos da cidade, Nicolas Roscius, a respeito das visões de Faber d’Etaples. Faber, um monge que na época tinha 83 anos de idade, tinha expressado a opinião aparentemente inócua de que a lenda de Santa Ana, mãe da Virgem Maria, segundo a qual ela teria tido

três maridos e três filhas com o nome de Maria, não era verdadeira. Sua obra *Upon Three and One** era o tema de debate. Agrippa reforçou sua imprudência concordando, de modo casual, que aquela discussão informal devia ser submetida a juizes independentes para ser julgada.

Tendo de viajar a trabalho, quando voltou a Metz, Agrippa descobriu que três padres tinham se constituído juizes na disputa, que adquirira vida própria, e do púlpito o denunciavam da maneira mais violenta. Agrippa descreve as manobras do prior Salini, “que pregava contra ele vociferando, com gestos de efeito, com as mãos abertas para depois se fecharem dramaticamente de novo, rangendo os dentes, espumando, cuspidando, batendo os pés, pulando, esbofeteando o próprio rosto, arrancando os cabelos e roendo as unhas” (da carta de Agrippa em defesa da obra de Faber d’Etaples, citada por Morley 2:45).

Foi nesse ponto que Agrippa deixou de ver Metz como a cidade de seu futuro e começou a desejar com fervor que ela já fosse a cidade de seu passado. A invectiva dos padres não produziu nada diretamente, mas as sementes haviam sido plantadas. Em setembro de 1519, quando Agrippa escreveu a Faber d’Etaples elogiando seu trabalho e lhe enviou sua defesa das doutrinas do idoso monge, Faber respondeu com o excelente conselho: “Na minha opinião, mais feliz é quem não contesta do que quem contesta. Se possível, aja de um modo que não ofenda Deus nem seu próximo” (talvez Epístola 29, 1. 2 - Morley não é

* N. T.: Título em inglês no original.

claro nessa referência). Em outra carta, Faber alerta Agrippa para não atrair a mesma censura que assediou Reuchlin. Mas era tarde demais.

O clima filosófico de Metz pode ser inferido a partir das referências esparsas nas cartas. Quando um amigo de Agrippa entrou em conflito com a Igreja e saiu da cidade de repente, Agrippa escreveu: “Eu sei, e você pode acreditar, com certeza, que tudo estará bem se você ficar em segurança e liberdade longe daqui. O que mais lhe desejo duvido que posso registrar por escrito em uma carta” (Epístola 36, l. 2). Agrippa pede a seu amigo que lhe providencie uma cópia das obras de Martinho Lutero. Em outra carta, ele escreve: “Apego-me a essa cidade, pregado por não sei qual prego: mas apego-me a tal ponto que não consigo decidir se devo ir ou ficar. Nunca estive em um lugar do qual me sinto mais disposto a sair (submetendo-me a você) do que dessa cidade de Metz, a madrastra de toda a erudição e virtude” (Epístola 33, l. 2). Ele alerta outro amigo: “Quando eu partir, quando eles não tiverem mais de se preocupar comigo, deverão se preocupar com você, meu amigo” (Epístola 44, l.2).

Nesse período crítico, quando Agrippa estava sob suspeita e ataque de todos os setores oficiais, ocorreu um evento que seria um pivô em sua vida. Uma camponesa do vilarejo de Vuopy (Nauert escreve Woippy), a noroeste de Metz, cuja mãe morrera na fogueira como bruxa, também foi acusada de bruxaria. Um grupo de camponeses invadiu sua casa, pegou-a à força e trancafiou-a em uma prisão rudimentar. Oito acusadores a levaram a Metz para o julgamento. Lá,

ouviram o conselho do inquisidor de Metz, Nicolas Savin, enquanto o caso foi adiado por dois dias. Para cair nas graças do inquisidor, eles lhe deram ovos, manteiga e bolos; o juiz que ia ouvir o caso recebeu peças de ouro.

Agrippa ficou horrorizado diante da natureza nada convencional de tais procedimentos. Ele se ofereceu para defender os direitos legais da mulher, mas foi acusado por Savin de favorecer uma herege (até então, nenhum julgamento fora feito) e foi expulso da sala do tribunal. Sem que ele soubesse, Savin mandou os acusadores levarem a mulher de volta à prisão em Vuopy. Lá, o juiz, João Leonardo, ouviu o caso em companhia do inquisidor, embora estivesse fora de sua jurisdição e os julgamentos duplos fossem ilegais. O marido da acusada foi impedido de vê-la por medo de que ele levantasse uma objeção ou recorresse do processo.

Usando o infame *Malleus Maleficarum* de Heinrich Kramer e James Sprenger, publicado pela primeira vez em 1486, como guia, Savin supervisionou a tortura da mulher, em uma tentativa de extrair uma confissão. Tão horrorizados ficaram os magistrados e os homens nomeados como interrogadores que saíram do local, deixando a camponesa sozinha com o inquisidor e o carrasco. A tortura foi reforçada sem testemunhas. A acusada foi surrada, ficou sem comida e água e foi atirada em um calabouço descrito como “imundo” de acordo com os modestos padrões da época.

Seu fim parecia certo. De repente, porém, algo estranho aconteceu, quase sobrenatural. O corrupto juiz Leonardo adoeceu e, em seu leito de morte, sua consciência foi assombrada pelos

tormentos da pobre mulher. Ele solicitou a libertação dela e escreveu a Savin dizendo estar plenamente convencido de que ela era inocente. Savin se recusou a soltá-la. Como o juiz se dera ao trabalho de recorrer a ele, ele considerava aquilo uma prova de que o caso estava em sua jurisdição.

Agrippa estava decidido a não deixar a mulher ser executada. Com essa atitude, ele estava apenas sendo fiel ao seu ofício e dever, embora soubesse que isso acabaria levando à sua ruína. Mas a força motivadora por trás da defesa oferecida era sua reverência pela verdade. Ele achava intolerável que uma besta em forma humana como Savin fizesse pouco caso de toda lei, justiça e processo legal, sem pagar por isso.

Ao juiz apontado como substituto pelo falecido João Leonardo, Agrippa enviou esta carta, que merece ser reproduzida na íntegra:

O senhor viu nestes últimos dias, homem honradíssimo, pelos atos em si, aqueles artigos ímpios de uma informação absolutamente injusta, por meio da qual o irmão Nicolas Savin, do convento dominicano, inquisidor de hereges, cometeu a fraude de arrastar para o matadouro essa mulher inocente, contrariando a consciência cristã, a bondade fraterna, o costume sacerdotal, a profissão por ele exercida, a forma das leis e dos cânones: e também, como homem ímpio, expôs a mesma mulher, de maneira perversa e errada, a enormes e atrozes tormentos: pelo qual conquistou para si um nome de crueldade que jamais morrerá, conforme testificou o senhor oficial João Leonardo, seu predecessor já falecido, em seu leito de morte: e os

próprios senhores do capítulo conhecem o fato, abominando-o. Entre aqueles artigos de acusação, um e o primeiro é que a mãe da referida mulher foi condenada à fogueira por bruxaria. Considero esse homem impertinente, intrusivo e incompetente para exercer a função judicial nesse caso; mas antes que o senhor seja iludido por falsos profetas que afirmam ser Cristo, e são na verdade o Anticristo, eu rogo à sua reverência que me preste ajuda e dê atenção a uma conversa que teve comigo, a respeito da posição desse artigo, pelo supracitado irmão sedento de sangue. Pois ele afirmou, prepotente, que o fato era decisivo no mais alto grau, suficiente para que se usasse a tortura; e não sem base, ele afirmou tal coisa de acordo com o conhecimento de sua seita, que ele deriva das profundezas do “Malleus Maleficarum” e dos princípios da teologia peripatética, dizendo: “Deve ser assim, porque é costume das bruxas, desde o princípio, sacrificar seus bebês aos demônios, e além disso” (disse ele), “geralmente seus bebês são o fruto de relações com íncubos. Assim, em seus filhos, por hereditariedade, habita o mal.” Ó sofismo egrégio! É assim que praticamos a Teologia nestes dias? Essas falsidades nos levam a torturar mulheres inofensivas? Não há nenhuma graça no batismo, nenhuma eficácia na ordem dos padres: “Sai, espírito impuro, e dá lugar ao Espírito Santo”, se, porque um pai ou mãe ímpios foram sacrificados, os filhos devem ser entregues ao Diabo? Quem quiser que acredite nessa ideia de que os íncubos podem gerar filhos na carne. Qual é o fruto dessa posição

impossível, se admitida, senão que, de acordo com a heresia dos faustianos e donatistas, o resultado obtido é um mal maior? Mas, falando como um dos fiéis, o que importa se alguém for filho de um incubo, que mal há em ter sido oferecido, como bebê, ao Diabo? Não somos todos, por natureza de nossa humanidade, nascidos com pecado, maldição e perdição eterna, filhos do Diabo, filhos da ira Divina e herdeiros da danação até que pela graça do batismo Satanás é expulso, e nós nos tornamos novas criaturas em Jesus Cristo, de quem ninguém pode ser separado, exceto por sua própria ofensa. O senhor vê agora o valor dessa posição como um pedido de julgamento, hostil à lei, que é perigoso de receber, escandaloso de propor. Adeus, e evite ou expulse esse irmão blasfemo. Escrita esta manhã na cidade de Metz (Epístola 39, l. 2).

Tão persistente, e tão lúcido foi Agrippa, que o inquisidor caiu em descrédito e foi tirado do caso. A mulher acusada recebeu absolvição do vigário da igreja de Metz. Seus acusadores foram multados em 100 francos por uma acusação injusta.

Era o fim da carreira de Agrippa em Metz, e ele sabia disso. Não bastava ele ter defendido posições que eram consideradas heréticas e desafiado a vontade dos dominicanos, agora tinha zombado do inquisidor deles e abalado, ainda que por pouco tempo, sua autoridade absoluta, que se baseava no terror. As pessoas evitavam Agrippa nas ruas, temendo ser vistas na companhia dele. Cedendo ao inevitável, ele se demitiu do cargo. No fim de janeiro de 1520, voltou com sua esposa e seu jovem filho - sua filha

tinha morrido e sido enterrada em Metz - a Colônia, praticamente expulso de Metz, com os lobos em seus calcanhares.

Mais uma vez, Agrippa desfrutaria a relativa segurança de sua hereditariedade, que a família partilhava com sua mãe e irmã. A Universidade de Colônia não era receptiva às suas opiniões, mas muita gente na cidade pensava como ele. Ecos de Metz continuavam chegando-lhe aos ouvidos. Um amigo, Jehan Rogier, a quem Agrippa costuma se referir como Brennonius, escreveu que o inquisidor Savin tinha conseguido atirar uma velha senhora à fogueira, acusando-a de bruxaria, e iniciado uma enlouquecida caça às bruxas. Por toda Metz e nas regiões vizinhas, mulheres eram aprisionadas. Por mim, o bom senso prevaleceu, e elas foram libertadas. A camponesa cuja vida Agrippa salvara, à custa de sua carreira, sabia que Brennon era amigo de Agrippa e continuava lhe mandando ovos e manteiga de presente, só por esse motivo (Epístola 53, l. 2).

Brennon deveria visitar Agrippa em Colônia perto da Páscoa de 1520, levando consigo um manuscrito que tinha guardado, com o título de *De variis admirandisque animae humanae naturis* (Da variada e admirável natureza da alma humana), do autor não identificado Marcus Damascenus. A visita foi adiada, e não se sabe ao certo se Brennon foi de fato a Colônia, mas de qualquer forma ele enviou o manuscrito a Agrippa, que em 1523 ainda estava planejando editá-lo. É desse documento que ele faz reverência a Damascenus na *Filosofia oculta* (l. 1, capítulos 58 e 65). Nessa época, uma parte dos escritos do

abade Trithemius, morto havia pouco tempo, chegou às mãos de Agrippa, e ele ansiava por discutir tais textos com Brennon.

No começo de 1521, a mulher de Agrippa morreu após sofrer de uma longa e dolorosa doença. Bem nessa época, ele estava tentando voltar a Metz para esclarecer algumas pendências após sua saída apressada daquela cidade. Se sua mulher o acompanhou na viagem e morreu no caminho, ou se Agrippa levou o corpo dela a Metz para ser enterrado ao lado de sua filha ainda bebê, não se sabe com certeza. De qualquer forma, ela foi sepultada na Igreja da Santa Cruz, em Metz, pelo cura da igreja, o amigo de Agrippa, Jehan Rogier Brennonius.

Esse vínculo rompido, Agrippa levou o filho para Genebra para ganhar a vida como médico. Ficou lá por quase dois anos. Genebra era uma cidade onde ele podia expressar seus pensamentos livremente. Ele acompanhava com grande interesse o progresso de Martinho Lutero. Em 20 de setembro de 1522, escreveu a um amigo pedindo que lhe arrumasse uma cópia do ataque contra Lutero, escrito por Henry VIII da Inglaterra, junto a outra obra, dizendo: “Custem quanto custar, eu pagarei ao portador no ato”. Tal afirmação sugere não só seu interesse fervoroso, mas também que ele não estava sem recursos.

Todo esse tempo, Agrippa continuava procurando uma posição na corte do duque de Savoy, cuja porta mais uma vez se abria. Ele não podia saber que estava correndo atrás de uma sombra. Enquanto aguardava em Genebra, casou-se pela segunda vez, agora com uma jovem suíça de

19 anos de família nobre, mas sem posses, chamada Jana Loysa Tytia. Por fim, quando não aguentava mais ficar à toa em Genebra esperando uma decisão firme do duque de Savoy, Agrippa aceitou o emprego de médico na cidade de Friburgo em outubro de 1522.

Ele deixou Aymon, seu segundo filho com a segunda esposa, com o abade Bonmont, em Genebra, e viajou com a esposa à cidade suíça de Friburgo no início de 1523. Bonmont era o padrinho de Aymon, e cuidou da educação inicial do menino. Ele também tinha conexões em Friburgo e ajudou Agrippa a ser bem recebido. Bonmont escreveu a Agrippa pouco depois de sua chegada à cidade: “Quanto ao nosso filhinho Aymon, digolhe que não precisa se preocupar com ele, pois o tenho como um filho, e não pouparia esforços nem trabalho para cuidar da boa formação do menino, fazendo dele um homem” (Epístola 39,1. 3).

Agrippa encontrou felicidade em Friburgo. Lá, era respeitado como um estudioso pensador progressista, o que acontecia de um modo geral em toda a Suíça. Seus deveres consistiam não só na Medicina, mas também em auxiliar os magistrados da cidade, e com frequência contavam com ele em questões políticas.

Como costuma acontecer na vida, quando ele não tinha necessidade de emprego, as ofertas começavam a aparecer. Ele recusou uma posição com o duque de Bourbon; mas, quando lhe propuseram o cargo de médico da corte da rainha mãe da França, Louise de Savoy, ele sucumbiu à tentação. Seu pagamento em Friburgo era baixo - o que os cidadãos suíços não

proporcionavam em moeda, compensavam em respeito. Mas Agrippa não podia garantir o futuro de sua nova família só com elogios. Ele já tinha 38 anos. Sua mulher lhe dera dois filhos e estava grávida pela terceira vez. Talvez ele estivesse naquela idade pragmática em que não podia mais recusar a perspectiva de segurança financeira. Em março ou abril de 1524, deixou Friburgo, relutante, e viajou para Lion, na França. No início de maio, instalou-se em Lion com a esposa e os dois filhos.

A rainha mãe era uma católica de mentalidade tacanha, totalmente contrária às reformas de Martinho Lutero. Além disso, era parcimoniosa e avara ao ponto da criminalidade. Quatros anos antes, ela tinha feito um desfalque de 400 mil coroas destinadas ao pagamento de mercenários suíços, contribuindo para a expulsão dos franceses da Itália. Tampouco era uma mulher de perdoar facilmente. Tudo isso, Agrippa foi descobrindo aos poucos, para sua tristeza. Mas, nos primeiros meses de sua estada em Lion, ele tinha esperança à sua frente.

Deve ter sido por volta dessa época que escreveu seu *Comentário da Ars Brevis* de Raymond Lully. Estava estudando Lully, Cabala e Astrologia, e logo criou um círculo de amigos literários ao seu redor, enquanto esperava em Lion.

No fim de julho de 1525, sua esposa deu à luz um terceiro filho, o quarto de Agrippa. Sua única filha pela segunda mulher morrera quando era bebê. O rei Francisco fora derrotado pelo duque de Bourbon e aprisionado na Espanha, o que tornava Louise a regente da França, em sua ausência. No fim de agosto, ela viajou

à Espanha para visitar seu filho, deixando Agrippa ainda em Lion, apegando-o às promessas efêmeras de seus cortesãos.

Com muito tempo livre, ele compôs o tratado *De Sacramento Matrimonii Declamatio*, provavelmente escrito como um tributo pessoal à sua primeira esposa. No tratado, ele defende o casamento por amor, como um vínculo eterno:

Quem desposa uma única mulher, que a trate com um amor inviolável e constante atenção até o último momento da vida dela; que pai, mãe, filhos, irmãos e irmãs cedam lugar a ela: que todo o círculo de amizade ceda lugar à boa vontade estabelecida entre homem e mulher. Que, em verdade, assim seja; pois pai, mãe, filhos, irmãos, irmãs, parentes e amigos são dâdivas da natureza e da sorte; marido e mulher são um mistério de Deus (citado por Morley 2:89).

Talvez esperando algum reconhecimento, Agrippa dedicou seu tratado do casamento à irmã do rei da França, Margaret de Valois, que em breve seria mais conhecida como Margaret de Navarro. Ela é lembrada como autora de uma coleção de contos ribaldos chamada de *Heptameron*, ainda lida hoje - um feito notável para uma mulher da nobreza francesa do século XVI. Qualquer pessoa que leia *Heptameron* perceberá logo que sua moralidade duvidosa não combina com os preceitos rígidos de Agrippa acerca do casamento. Ela deve ter considerado o presente dele uma censura indireta a seu estilo de vida. Em reconhecimento pela dedicatória, ela mandou a Agrippa a quantia de 30 peças de

ouro, mas jamais o recebeu em seu círculo de amizades.

Anos mais tarde, os sentimentos exprimidos no tratado induziriam a rainha da Inglaterra, Catherine de Aragão, a pedir a Agrippa que viesse para a Inglaterra e a defendesse contra o divórcio exigido por Henry VIII. Contudo, naqueles anos tardios de sua vida, Agrippa desistira de confiar em rainhas, e não desejava antagonizar outro rei - e não atendeu ao pedido dela.

A espera em Lion começava a fazê-lo apertar seus recursos a ponto de exaustão. Haviam-lhe prometido dinheiro, mas ele não conseguia arrancar nada do tesoureiro da rainha mãe, Barguyn. Uma carta escrita a João Chapelain, um dos médicos do rei, pedindo que ele interviesse com Louise, revela o estado de espírito de Agrippa: “Vá até ela, aperte-a, segure-a, peça-lhe, rogue-lhe, exija dela, atormente-a: faça orações, apelos, reclamações, suspire, chore e faça tudo o que mexe com as pessoas” (Epístola 6, l. 4). Ele ri da própria desgraça, mas não há um tom histérico nesse riso.

Uma carta mais séria deixa clara sua posição desafortunada:

Sua carta, escrita no dia 29 de junho, meu caríssimo Chapelain, eu recebi em 7 de julho, e soube por meio dela que nosso amigo Barguyn mencionou o pagamento de meu salário a um Antony Bullion, de Lion. Se Barguyn me quisesse bem, como você diz na carta, e desejasse que meu dinheiro me fosse pago, ele não teria me encaminhado a Antony, que ele sabe, não está aqui, mas sim no Martinho de Troyes, conforme arranjado, ou a algum outro, ou

residente aqui ou de passagem pela cidade. No dia em que eu recebi sua carta, fui com M. Aimar de Beaujolois, um juiz, homem educado e um de meus melhores amigos aqui, e tive certa dificuldade para me encontrar com Thomas Bullion, o irmão de Antony; ele não chegou a negar que tivesse ordens para me pagar, mas disse que a ordem era esta: ele me pagaria se pudesse - se sobrasse algum dinheiro com ele. Por fim, ele disse que consultaria novamente suas instruções, e que eu teria uma resposta na manhã seguinte. No dia seguinte, portanto, quando ansiosamente procuramos várias vezes o homem, ele se escondeu em casa, fingindo não estar, até bem tarde da noite, quando saímos, tendo criado grande intimidade com sua porta. No dia seguinte, porém, o referido juiz se encontra com ele, pergunta a meu respeito e o pressiona: ele responde que irá à minha casa para tratar do estipêndio; e com essa mentira, preparando-se para fugir, montou em seu cavalo e foi embora, como se disse, para se juntar à corte. Veja como brincam conosco! Pense como estou cercado de tristezas por todos os lados - dores, de fato, maiores e mais incessantes do que me dou ao trabalho de escrever. Não tenho um amigo aqui para me ajudar; todos me consolam com palavras vazias; e o meu título na corte, que deveria me trazer honra e lucro, piora minha amargura, acrescentando contra mim inveja e menosprezo. Ainda no Suspense dessa contínua esperança, até agora nenhum mensageiro me diz se deve ficar neste lugar ou desistir; aqui, portanto, vivo com minha grande família como

um peregrino em uma caravana, e na mais cara de todas as cidades, sob a carga de enormes despesas, sujeito a perdas nada pequenas. Você escreve dizendo que a rainha, um dia, atenderá ao meu pedido; mas que ela é sempre vagarosa - vagarosa inclusive com suas questões. E se, nesse meio tempo, eu perecer? De fato, uma fortuna tão lenta não pode me salvar, por mais poderosa que seja essa deusa. Talvez você diga que deveria fazer algum sacrifício a ela - um carneiro, um touro, e dos mais gordos - para que suas asas cresçam e ela voe com maior rapidez ao meu encontro. Mas minha falta de tudo é tão extrema que não posso providenciar um bolo ou sequer uma pitada de incenso (Epístola 25, l. 4).

Agrippa fazia qualquer tipo de trabalho que aparecesse para poder sustentar a família, enquanto as dívidas se acumulavam. Um Cortesão lhe pediu uma previsão astrológica. Ele o atendeu, mas não deixou dúvidas quanto à sua opinião sobre aqueles que deixavam suas ações ser determinadas pelo curso dos astros:

Por que nos damos ao trabalho de saber se a vida e o destino do homem dependem dos astros? Não é a Deus, que os fez e fez o firmamento, e que não erra nem se engana, que deveríamos deixar essas coisas - satisfeitos, por sermos homens, em alcançar o que estiver ao nosso alcance, ou seja, o conhecimento humano? Mas como somos também cristãos e acreditamos em Cristo, confiemos a Deus nosso Pai as horas e os momentos que estão em Suas mãos. E se essas coisas não dependem dos astros, então os

astrólogos, de fato, seguem um caminho vão. Mas a raça dos homens, tão tímida, está mais disposta a ouvir fábulas de fantasmas e acreditar em coisas que não existem do que nas coisas que existem. Portanto, ansiosos demais em sua cegueira, eles se apressam em aprender segredos do futuro, e naquele que for o menos possível (como a volta do Dilúvio) é que eles acreditam mais; assim também o menos provável é o que eles mais acreditam dos astrólogos, como se o destino das coisas pudesse ser mudado a partir do julgamento da Astrologia - uma fé que, sem dúvida, serve para não deixar esses praticantes passar fome (Epístola 8, l. 4).

No verão de 1526, a própria rainha mãe pediu uma previsão astrológica a respeito do resultado da guerra entre seu filho, Francisco I, e as forças de Bourbon e do imperador Carlos V, sucessor de Maximiliano em 1520. Agrippa mal podia conter seu desgosto e raiva de si mesmo. Após engolir o orgulho e deixar os lacaios da rainha mantê-lo esperando como um cachorro por dois anos sem o mínimo pagamento, Louise agora começava a mostrar sua verdadeira opinião do valor dele. Ele seria astrólogo da corte. Era intolerável.

Ele escreveu para o seu amigo Chapelain:

Eu estou no caminho certo para me tornar um profeta e obedecer à minha senhora; gostaria de prever algo agradável para ela, mas que profecias agradáveis posso obter das fúrias do Inferno? Todos os loucos profetas da Antiguidade só previam assassinatos, massacres, guerras e tumultos, e eu não sei como as

pessoas loucas podem prever senão as obras de um louco. Temo, enfim, também profetizar nesse sentido, a menos que o bom Apolo, escapando das fúrias, me visite com sua luz em raios de ouro. Mas não montarei no tripé para profetizar ou adivinhar e mandarei o resultado logo à princesa, usando aquelas superstições astrológicas pelas quais a rainha se mostra tão ansiosa para ser ajudada - usando-as, como você sabe, sem querer, e impelida por suas preces violentas. Escrevi, portanto, ao senescal para que a admoestasse a fim de não abusar mais de meu talento, condenando-o a uma arte tão indigna, nem me force mais a defrontar essa obra leviana, quando posso ser-lhe útil com estudos mais proveitosos (Epístola 29, l. 4).

A raiva de Agrippa era compreensível. Ele estava no primor de seu desenvolvimento intelectual, versado em muitas artes e ciências, com um vasto entendimento dos homens e do mundo. Se Louise o tivesse escolhido como conselheiro em questões do Estado, não teria feito melhor escolha. Mas, em vez disso, ela queria que ele bancasse o bobo da corte e lhe dissesse exatamente o que queria ouvir, independentemente de seu bom julgamento. Não só Agrippa foi imprudente a ponto de revelar que considerava os astros favoráveis à causa de Bourbon, mas ainda prognosticou, em particular e não em público, o falecimento do filho de Louise. No ano seguinte, suas previsões se tornariam mais específicas. O cronista francês Claude Bellievre escreveu que, em maio de 1527, Agrippa previu dos céus a morte de Francisco I dali a seis meses.

O que Agrippa não sabia era que por algum tempo Louise vinha interceptando e lendo suas cartas a membros de sua corte, cartas estas que nem sempre continham comentários muito lisonjeiros a respeito dela. Ele devia estar começando a suspeitar do que seria óbvio para um homem menos inocente: que a rainha mãe e sua corte riam de seu desespero, e não tinha a menor intenção de cumprir suas promessas.

Em setembro, a esposa de Agrippa sofreu um ataque duplo de febre terçã. Ela estava grávida na época. Sob essa carga pesada de preocupações, Agrippa completou sua *Incerteza e Frivolidade das Ciências*. Também estava trabalhando em um tratado sobre dispositivos de guerra intitulado *Piromaquia*, como mostra este trecho de uma carta:

Venho escrevendo estes dias um volume de tamanho considerável, o qual intitulei “Da Incerteza e Frivolidade das Ciências; e da Excelência da Palavra de Deus”. Se você alguma vez o vir, penso que elogiará o plano, admirará o tratamento e considerará indigno de sua majestade [Francisco I, rei da França]: mas não pretendo dedicar a obra àquele rei, pois ela encontrou alguém que é mais desejoso de ser seu patrono e muito mais digno dela. Mas estou escrevendo agora sobre *Piromaquia*, e nem tanto escrevendo quanto experimentando; e tenho agora em minha casa construções e modelos de máquinas de guerra por mim inventadas, construídas com considerável custo; são ao mesmo tempo úteis e mortais, como nossa época (que eu saiba) jamais viu...” (Epístola 41, l.4).

A construção de máquinas para sitiar um local mostra que Agrippa ainda procurava o apreço quimérico de reis e príncipes. *A Incerteza e a Frivolidade das Ciências* foi dedicado a um amigo, Agostinho Furnario, cidadão de Gênova. Se ele é a pessoa referida na carta, não se sabe ao certo, mas é provável. *Piromaquia* deveria ser um presente para o rei Francisco quando, e se, ele viesse a Lion.

Enquanto passeava pela Igreja de São Tiago, em 7 de outubro de 1526, ele começou a conversar com um homem que não conhecia, e lhe falou de sua expectativa diária de ser pago pelo tesoureiro real. O homem replicou: “Eu sirvo na sala de Barguyn, o tesoureiro, e, como amigo, lhe aviso que não se iluda com nenhuma falsa sugestão, mas procure um meio melhor de prosperar. Há bem pouco tempo, eu vi seu nome riscado da lista de pensão” (Epístola 5, l. 4).

Essa revelação abalou Agrippa como se um raio tivesse caído nele. No mesmo instante, ele percebeu como estava sendo tolo. Ele fala de sua amargura a Chapelain, o médico do rei Francisco:

Ouçã as regras que prescrevi para mim mesmo se for novamente tentado a retornar ao serviço da corte: para me tornar um devido Cortesão, esbanjarei adulações, pouco ligarei para a fé, terei profusa eloquência, serei ambíguo em conselhos, como os oráculos do passado; mas irei atrás de lucro e procurarei minha vantagem pessoal acima de qualquer outra coisa: não cultivarei amizades, exceto por dinheiro; serei sábio comigo mesmo, só elogiarei alguém se vir vantagem nisso, denegrirei qualquer homem que eu bem entender

e farei expulsar quantos homens eu puder, desde que possa me apoderar do que eles deixarem para trás; ocuparei meia dúzia de cadeiras, desprezando aquele que me oferecer sua hospitalidade, mas não seu dinheiro, como se menospreza uma árvore estéril. Não confiarei na palavra de homem algum nem em sua amizade; levarei a mal todas as coisas, ficarei ressentido e planejarei vingança; só o príncipe, eu devo observar e venerar; só ele lisonjarei e com ele concordarei, infestarei, apenas por medo ou ganância para meu lucro pessoal (Epístola 53, l. 4).

No começo de maio de 1527, a esposa de Agrippa deu à luz um quarto filho, o quinto de Agrippa. Ele, por fim, pediu permissão para sair da França com sua família em julho. Já tinha perdido as esperanças de receber qualquer coisa de Louise:

Cuidado para nunca mais se referir a mim como conselheiro ou médico da rainha. Detesto esse título. Condono toda esperança que já existiu em mim. Renuncio toda fidelidade que já jurei a ela. Ela nunca mais será minha senhora (pois já deixou de ser), mas resolvi pensar nela como uma atroz e pérfida Jezebel, uma vez que dela vêm antes palavras desonestas que ações honestas (Epístola 62, l. 4).

A rainha mãe ainda não pararia de rir de seu médico e astrônomo alemão. Só em 6 de dezembro Agrippa pôde finalmente sair de Lion. Ele viajou para Paris, a caminho de Antuérpia, mas deteve-se em Paris por seis meses, providenciando os papéis necessários para deixar a França. Ao menos, tinha uma esperança a

acalentar. Havia a perspectiva de obter a patronagem de Margaret da Áustria, que ele buscara em vão muitos anos antes.

Quando seus bens domésticos ficaram detidos em Antuérpia, Agrippa foi obrigado a atravessar a fronteira sozinho para liberá-los, deixando a família em Paris. Sua esposa, grávida de novo, adoeceu. Não havia dinheiro para pagar assistência médica. Um parente escreveu a Agrippa em Antuérpia informando-o do mais recente problema. Ele quase enlouqueceu:

Ora! O que você me diz, meu caro primo? Minha amada esposa sofrendo de tão perigosa doença, e grávida, e eu ausente, mal conseguindo -sob risco de vida - partir sozinho, para que enfim encontrasse meios de trazer segurança àquela que é minha única alma, meu espírito, minha sanidade, minha salvação, minha vida? Ah, como me foram cruéis os dados jogados pelo destino! Estou agora em total agonia. Minha esposa está em Paris, perecendo miseravelmente, e eu não posso me aproximar dela para lhe dar consolo; meus filhos em prantos, toda a família lamenta, e essa espada lhe atravessa a alma. Oh, se ao menos eu pudesse carregar o fardo no lugar dela, e ela ficasse sã! O que farei? A quem recorrerei? A quem devo implorar? Exceto por você, não tenho ninguém (Epístola 55, l. 5).

Esse foi o pior momento do presente ciclo. Sua esposa se recuperou. Em 5 de novembro de 1528, a família conseguiu seguir para Mechlin, onde Agrippa se juntou a eles. De lá, prosseguiram para Antuérpia.

Antuérpia tinha um clima melhor do que Lion. Agrippa fez amigos lá e foi recebido por famílias honoráveis. Ele começou a praticar seu ofício de medicina, logo conquistando fama, que se espalhou além dos limites da cidade. A corte real ficou sabendo. Margaret da Áustria, bem impressionada tanto pelas habilidades de Agrippa quanto pelos encantos de sua mulher, nomeou-o para o posto de conselheiro, ou conselheiro na questão dos arquivos, historiógrafo do imperador. Ao mesmo tempo, Agrippa obteve licença para imprimir e reter os direitos autorais de suas obras por seis anos.

A muito esperada e tardia impressão do tratado *Da nobreza e preeminência das mulheres* aconteceu por fim, junto à de algumas outras obras. A esposa de Agrippa deu à luz outro menino em 13 de março, seu quinto filho e o sexto de Agrippa -mas a família consistia em cinco meninos, pois um deles, provavelmente o mais velho, com sua primeira mulher, morreu na França. Eram enviados alunos para ser instruídos por Agrippa, tamanha era a sua fama. Um deles foi Johann Wierus, cidadão de Gravelines, que em seu *De praestigiis daemonum* faria, mais tarde, um esboço biográfico de Agrippa. É significativo que Wier, como a maioria dos homens que conheceu Agrippa intimamente, só falava dele em termos de grande respeito e refutava as mentiras ditas contra ele.

Em julho de 1529, Agrippa tinha tanto o tempo livre quanto o dinheiro para se dedicar à prática de Alquimia. Ele escreve acerca de uma destilação lenta que deve ser observada com cuidado em seu laboratório

(Epístola 73, l. 5). Esse interesse não era novo. Em 1526, o cura de Santa Cruz em Metz, Jehan Rogier Brennonius, tinha escrito a respeito das atividades de um alquimista a que ele chama de “nosso Tyrius”, um relojoeiro de profissão que “descobriu uma água doce na qual todo metal se dissolve com facilidade por meio do calor do Sol” (Epístola 27, l. 4). Foi só em Antuérpia que Agrippa conseguiu estudar seriamente esse tema fascinante. Deve ter sido quando tentou produzir ouro, com sucesso apenas mínimo (ver *Filosofia Oculta*, l. 1, cap. 14).

Sua felicidade acabou, quando sua segunda mulher morreu em 7 de agosto de 1529, vítima da peste. Isso o abalou, se possível, de maneira mais profunda que a perda da primeira esposa:

Ah, ela morreu e eu a perdi, mas a glória eterna a envolve. Estava bem por quase um mês, próspera e feliz em todas as coisas, a boa sorte nos sorria de todos os lados, e já estávamos planejando adquirir uma casa nova e maior, para os dias que estavam por vir, quando, no último dia de São Laurêncio, uma violenta febre pestilenta a atacou, com abscesso da virilha... ai de mim, nenhum remédio funcionou, e no sétimo dia, que era o sétimo dia de agosto, por volta das nove horas da manhã, com grande dificuldade, mas claro intelecto, uma alma firme na direção de Deus e uma consciência inocente, enquanto estávamos em volta dela, seu espírito a abandonou, e a peste se espalhou por todo o seu corpo em grandes pústulas (Epístola 81, l. 5).

A peste se alastrara pela cidade de Antuérpia. Agrippa ficou na cidade para tratar os doentes, enquanto os médicos locais mais tímidos fugiram para o campo. Depois que a pestilência começou a diminuir, os médicos da cidade acusaram Agrippa de praticar Medicina sem as devidas credenciais e o obrigaram a parar, privando-o de sua principal fonte de renda. Suspeita-se que a motivação deles foi mais a vergonha pela própria covardia e ciúme dos métodos de Agrippa do que uma preocupação pelos pacientes.

A publicação das obras de Agrippa, por tanto tempo apenas nos manuscritos, começou a se desenvolver em 1530. Em setembro, ele publicou sua *Incerteza e Frivolidade das Ciências*. Antes, ele havia imprimido, em conformidade com sua posição oficial de historiógrafo, a *Historieta da recente dupla coroação do imperador em Bolonha pelo papa Clemente VII*. Sua protetora, Margaret da Áustria, morreu no fim de 1530, com 52 anos, e Agrippa compôs o discurso para o funeral.

Em fevereiro de 1531, a primeira edição de *Filosofia oculta* saía do prelo de João Graphaeus de Antuérpia, paga, ao que tudo indica, pelo próprio Agrippa. Embora seja intitulada *Três Livros de Filosofia Oculta de Agrippa*, e inclua o índice de toda a obra, ela termina no fim do primeiro livro. A obra é dedicada a Hermano, arcebispo de Colônia, que se mostrara muito gentil com Agrippa.

Com a morte de Margaret da Áustria, ele precisava desesperadamente de patrocínio. A publicação de *Incerteza e Frivolidade das Ciências*

tinha despertado a ira de cortesãos, padres e outros oficiais superiores, todos os quais são satirizados na obra, sem misericórdia. O lançamento posterior de *Filosofia oculta* deixou Agrippa vulnerável a acusações de ser um feiticeiro. Se antes havia suspeitas - agora, acreditavam seus inimigos, existia uma prova impressa.

Talvez não surpreenda aqueles que vêm lendo essa história até este ponto que o salário prometido a Agrippa como historiógrafo oficial, além das despesas que ele incorreu no cumprimento do dever, nunca lhe foi pago. Não era à toa que os príncipes ficavam ricos, pois nunca pagavam suas contas! Embora Margaret tivesse ordenado aos tesoureiros pagar, eles tinham atrasado; agora que ela estava morta, Agrippa solicitou ao imperador Carlos V com tal tenacidade a remuneração que lhe era devida que o imperador estava a ponto de mandar executá-lo para se livrar da importunação. Dois cardeais, em defesa de Agrippa, conseguiram aplacar a irritação real por algum tempo. Os padres tinham se colocado contra ele, algo que Agrippa só agora, muito tempo depois, começava a perceber.

Enquanto esperava seu salário, ele vinha vivendo com dinheiro emprestado. Agora que não havia salário, seus credores o cercavam. A maioria de seus amigos mais íntimos estava distante. Em vão, ele pediu ao conselho privado do imperador que lhe desse dinheiro suficiente para pagar seus credores ou que lhe concedesse uma ordem de liberdade para ele ganhar dinheiro e saudar suas dívidas. O conselho o mandou recorrer ao imperador. Por sete meses, ele

rastejou atrás de Carlos implorando por dinheiro para sustentar sua família. “O imperador se fizera surdo a ele, permanecia impassível como uma estátua diante de suas súplicas; importava-se tão pouco com seus apelos incessantes quanto com o coaxar de uma rã sedenta” (Morley 2:272-3).

Em junho de 1531, Agrippa foi jogado na cadeia em Bruxelas, por um de seus credores. Seus amigos logo providenciaram para que fosse solto, mas o episódio deve ter sido um golpe humilhante nos sentimentos de um homem tão orgulhoso. Logo veio uma pequena consolação com uma garantia escrita, afixada com o selo do imperador, de um pequeno salário. Mas também não passou de uma promessa. Agrippa se retirou para uma casa pequena em Mechlin, em dezembro de 1531, que mal conseguia pagar com a pensão prometida, mas não dada.

Em Mechlin, Agrippa desposou uma cidadã do local, segundo Johann Wierus. Agrippa mesmo nada diz dela. Não é difícil saber por quê. Ela o traía. O satirista francês Rabelais, com seu duro coração gaulês, zomba de Agrippa por ser cego à infâmia de sua jovem esposa.

Com dificuldade, na ilha do Trigo Integral, vive Sua Trippa; sabes como pelas Artes da Astrologia, Geomancia, Quiromancia, Metopomancia, e outras de igual caráter e natureza, ele prevê todas as coisas que vão acontecer: Falemos então um pouco e conversemos com ele sobre tua Questão. Disso (respondeu Panurge) nada sei: Mas disso acerca dele, tenho certeza: um dia, e não faz muito tempo, enquanto ele tagarelava, com o Grande Rei, de Coisas

Celestiais, Sublimes e Transcendentes, os Lacaios e Pajens da Corte, nos Degraus superiores entre duas Portas, fartavam-se, um após outro, de sua Esposa: que é faceira e nada comedida. Assim, aquele que parecia ver com tanta clareza todas as Coisas Celestes e Terrestres sem Óculos, que falava com firmeza de Aventuras passadas, com grande confiança abordava Casos e Acidentes presentes e, orgulhosamente, professava o presságio de todos os futuros Eventos e Contingências, não foi capaz, com toda a sua Habilidade e Astúcia, de perceber a Manha de sua Esposa, a qual ele afirmava ser muito casta; e até a presente Hora não tem a menor Ideia do contrário (*Gargântua*, 3:25).

Três anos depois, ele se divorciou dessa mulher, em Bonn.

Forçado a deixar Mechlin por causa de um imposto injusto do qual o imperador se recusou a isentá-lo, Agrippa viajou, na primavera de 1532, para Poppelsdorf a convite do arcebispo de Colônia, que gentilmente o convidou a ficar em sua residência por algum tempo. Pelo menos Agrippa escolheu com sabedoria uma dedicatória de suas obras. O arcebispo gostou de *Filosofia oculta*. Necessitado de patronagem, Agrippa tinha ao menos um que não o abandonaria. Enquanto isso, em Colônia, a impressão da primeira edição dos três livros completos da *Filosofia Oculta* estava em andamento.

A publicação de seus escritos teve o mesmo efeito sobre seus críticos do que se ele cutucasse um ninho de vespas com uma vareta. Foram feitas tentativas de proibir a venda e a leitura de *Incerteza e Frivolidade das*

Ciências. Agrippa foi acusado de impiedade, que na época era um crime capital, punível com morte. O imperador Carlos V exigiu que ele retratasse todas as suas opiniões condenadas pelos monges de Louvain em seus textos. Tendo recebido formalmente as acusações, ele preparou uma defesa no fim de janeiro de 1532 e a apresentou ao chefe do Senado em Mechlin. Dez meses se passaram e seu nome ainda não estava limpo. Ele desobedeceu à exigência do imperador de se retratar em público, dizendo: “Pois o imperador não pode condenar alguém que não foi julgado pela lei...”. Sua defesa, a *Apologia*, foi impressa em 1533.

Tendo sobrevivido a todos os tipos de tempestades na vida, o estudioso se mostrou filosófico quanto a esse último ataque:

Sou condenado - tirania ímpar -antes de se ouvir a defesa, e a essa tirania o imperador é provocado por supersticiosos monges e sofistas. Minhas opiniões se mostram em meu rosto, e eu quero que o imperador saiba que não posso lhe vender fumaça nem óleo. Mas tenho vivido honestamente, sem motivo para me ruborizar por minhas ações, e pouco do que reclamar da sorte, exceto o fato de ter nascido a serviço de reis ingratos. Meu erro e minha impiedade, admito, merecem condenação, pois, desrespeitando as Escrituras, eu coloquei minha confiança em príncipes. Quis viver como filósofo em cortes em que a arte e a literatura não são honradas nem recompensadas. Se não sou sábio, certamente aí está minha maior insensatez: ter confiado meu bem-estar ao poder de outro e, ansioso e incerto quanto ao meu futuro, depositado esperança naqueles cujas

ações não correspondem a suas promessas. Tenho vergonha agora de minha falta de sabedoria (*Querela super calumnia*, conforme citado por Morley 2:301).

Esses pensamentos, um sumário de uma vida turbulenta, aparecem na última obra escrita por Agrippa, *Queixa contra a calúnia dos monges e escolares*, impressa junto a *Apologia*, em 1533. A maior parte do fogo se apagou, a virulência abrandou, sendo substituída por uma clareza de visão e uma resignada tristeza.

Quando solicitou sua pensão, garantida pelo selo real, ele foi caçoado. Os oficiais do duque de Brabant disseram que, como ele abandonara sua residência em Mechlin, havia na verdade abandonado o cargo, e não tinha direito a dinheiro algum. Não adiantou Agrippa argumentar que ainda possuía uma casa na cidade, que era historiógrafo de Carlos V, e não do duque de Brabant ou do conde de Flandres. De nada serviu o argumento. Os oficiais mesquinhos que controlavam a bolsa sabiam muito bem que o imperador não intercederia a favor de Agrippa.

Em 1532, ele se mudou com a família e sua biblioteca para Bonn. Ainda havia batalhas a ser travadas. Os monges dominicanos fizeram atrasar o lançamento da edição completa de *Filosofia Oculta*. Um deles, Conrad Colyn de Ulm, inquisidor de Colônia, denunciou os livros nos mais fortes termos. Felizmente o arcebispo de Colônia, a quem os livros eram dedicados, tinha poder em sua esfera. Agrippa apresentou uma defesa acalorada da obra diante dos magistrados de Colônia, argumentando que os livros tinham sido aprovados

por todo o conselho do imperador e apareceriam sob privilégio imperial. Os livros foram, por fim, publicados em 1533.

Vale considerarmos brevemente as circunstâncias que permitiram a aparição de *Filosofia Oculta* ao mundo. Os livros foram dedicados a Hermannus (Hermano), arcebispo de Colônia, que tinha grande amizade com o autor e admirava a obra em si. Hermano, o último protetor de Agrippa na Terra, era um reformista em desavença com a Igreja estabelecida. A obra foi publicada em Colônia sob a autoridade dele, e Colônia também era a cidade hereditária da família de Agrippa, permitindo-lhe ter apoio de uma variedade de fontes. Por fim, Agrippa teve a sorte de possuir aprovação imperial da obra, obtida sob o favorecimento de Margaret da Áustria.

No mesmo ano, o *Comentário* de Agrippa sobre *Ars Brevis* de Raymond Lully também foi impresso em Colônia, além da *Disputa acerca da monogamia de Ana*, a defesa de Agrippa das visões de Faber d'Étaples, escrita em 1519.

A vida de nosso estudioso errante estava chegando ao fim. Ele passou o verão de 1533 em férias com Hermannus em Wisbaden. No ano seguinte, residiu em Bonn. Na primavera de 1535, ele se divorciou da terceira esposa, naquela cidade. A pequena quantia em dinheiro que lhe era dada pelo arcebispo lhe permitia alimentar e vestir seus meninos, e pouco mais que isso. O tempo todo, a ira de seus inimigos continuava a atacá-lo, implacável. O imperador Carlos V, por insistência dos dominicanos, tinha sentenciado Agrippa à morte como herege. Ele conseguiu fugir para a França, onde o

imperador, sem renunciar à sentença, o condenou ao exílio.

Assim que entrou na França, o rei Francisco o jogou na prisão. Seus amigos conseguiram libertá-lo. Ele vagou por alguns meses, tentando chegar a Lion, onde poderia publicar suas cartas, além da coletânea de suas obras. Sem dúvida, Agrippa ainda estava lutando para salvar sua reputação, e queria expor ao mundo a história de sua vida. Antes de chegar a Lion, ele adoeceu. Foi levado para a casa de um tal M. Vachon, o receptor-geral da província de Dauphine, que ficava na Rue des Clercs, em Grenoble. Lá, só entre estranhos em uma terra hostil, assediado por todos os lados por seus inimigos, com a prematura idade de 49 anos, ele morreu. Seu corpo foi sepultado no convento dos dominicanos, seus mais detestáveis inimigos.

Agrippa devia saber que seu fim estava próximo e tomou providências para que seus manuscritos fossem levados a Lion e colocado nas mãos de seu publicador. Pouco depois de sua morte, a coletânea de suas obras e suas cartas foram publicadas naquela cidade. Juntas, elas formavam a primeira edição da *Opera* latina, frequentemente consultada ainda hoje.

Um espúrio *Quarto livro de filosofia oculta* foi acrescentado aos três originais, mas o fiel pupilo de Agrippa, Johann Wierus, o denunciou como fraude:

A estes pode ser acrescentada uma obra póstuma publicada [1567] e atribuída a meu finado e honorável anfitrião e preceptor Henrique Cornélio Agrippa, morto já há mais de 40 anos; de onde concluo ser

erroneamente atribuída a ele, sob o título de *O quarto livro de filosofia oculta, ou de cerimônias mágicas*, que pretende ser uma chave para os três primeiros livros de *Filosofia Oculta*, e de todos os tipos de operações mágicas (*De praestigis daemonum*).

Quanto à edição de Lion, Henry Morley diz que a *Incerteza e Frivolidade das Ciências* sofreu extensos cortes para agradar os censores (Morley 2:317).

O relato precedente da vida de Agrippa é tirado basicamente da biografia em dois volumes de Henry Morley, *The Life of Henry Cornelius Agrippa*, publicada pela editora Chapman and Hall, Londres, 1856. Morley, por sua vez, obteve quase todo o seu material biográfico de uma leitura apurada das cartas de Agrippa, conforme aparecem na *Opera* latina em Lion. É sem dúvida uma bênção que essas cartas tenham sobrevivido. Se não tivessem, hoje saberíamos tão pouco a respeito de Agrippa quanto de Shakespeare.

Há um segundo relato não oficial, esparso, da vida de Agrippa composto de fábulas e difamações difundidas por monges crédulos. Por exemplo, quando Agrippa menciona em uma de suas cartas (Epístola 9, l. I) que precisa parar em Avignon por algum tempo para obter dinheiro antes de prosseguir viagem até Lion, isso foi interpretado como uma oportunidade para ele montar seu aparato alquímico e fabricar ouro. É verdade que Agrippa se envolveu com a Alquimia, mas provavelmente ele estava mais interessado em encontrar extratos médicos úteis do que a pedra filosofal. Ele mesmo diz na *Filosofia*

Oculto (1:14), acerca de sua produção de ouro: “E nós sabemos como fazer isso, e já vimos ser feito: mas não pudemos fazer mais ouro que o peso do qual extraímos o Espírito”. Essa não parece uma prescrição para alguém ficar rico.

Também foi dito por Martinho Del Rio (em sua *Disquisitionum magicarum libri sex*, 1ª edição, Louvain, 1599-1600) e outros que Agrippa pagava suas contas em hospedarias com pedaços de chifre, lançando sobre eles um *glamour* que os fazia parecer, aos olhos de quem recebia, moedas, até ele se afastar, quando então voltavam à sua aparência verdadeira. Mas essa mesma fábula é contada de muitos outros magos, como Fausto e Simão, o Mágico.

A história mais famosa é uma variação do conto do aprendiz de feiticeiro. Deve ter sido inspirada, como observa Lynn Thorndike (*History of Magic*, 5:8:136, n. 35), por um comentário de Wierus, que diz que certa vez, quando ainda era aluno de Agrippa, ele copiou várias páginas da edição manuscrita de seu mestre da *Steganographia* de Trithemius, sem o conhecimento de Agrippa (*De praestigiis daemonum*, 2:6). Del Rio, usando essa semente para inspirar sua fantasia, relata os seguintes eventos:

Isso aconteceu com Cornélio Agrippa em Louvain. Ele tinha um hóspede curioso demais; e certa vez Agrippa saiu e deixou as chaves de seu museu com a esposa, da qual viria a se divorciar mais tarde, proibindo-a de deixar qualquer pessoa entrar. O jovem irresponsável jamais deixava de insistir com a mulher para que o deixasse entrar, até que um dia ela cedeu. Entrando no museu, ele

encontrou um livro de conjurações - e o leu. Eis que alguém bate à porta! Ele não se deixa perturbar e continua com a leitura. Alguém bate novamente; e como o jovem mal-educado não dá atenção, entra um demônio e pergunta por que foi chamado. O que lhe ordenam a fazer? O medo sufoca a voz do jovem, o demônio tapa-lhe a boca, e assim ele paga por sua profana curiosidade. Logo, o mago retorna e vê demônios dançando sobre o corpo; ele usa suas artes costumeiras, eles vêm conforme ele os invoca, explicam o que aconteceu; e ele ordena ao espírito homicida que entre no cadáver e ande com ele, de tempos em tempos, na praça do mercado (que outros estudantes costumavam frequentar), até um dia poder abandonar o corpo. Ele faz isso três ou quatro vezes, e então cai: o demônio que tinha animado os membros mortos foge. Por muito tempo se pensou que aquele jovem tivesse tido uma morte súbita, mas sinais de Sufocação despertaram suspeita, e o tempo, enfim, revelou tudo.

Morley, que cita esse conto (2:314-5), diz que Del Rio o tirou inteirinho de uma obra anterior publicada em latim, italiano, francês e espanhol, com o título em francês de *Theatre de la Nature*, em italiano de *Stroze Cigogna* e em espanhol de *Valderama*.

Outra fábula de grande divulgação era a de que Agrippa tinha sempre consigo um demônio familiar na forma de uma cadela preta. Esse espírito ia a qualquer lugar, por mais distante que fosse, em um piscar de olhos e trazia a Agrippa notícias de todos os acontecimentos no mundo, informando-o acerca de guerras, pestes,

inundações e outros eventos importantes. Essa história, assim como a outra, tem um fundo de verdade. Agrippa era apaixonado por cães e sempre os tinha, aonde quer que fosse. Wierus diz que, quando conheceu Agrippa, seu mestre tinha dois cachorros, um macho preto chamada Monsieur e uma cadela chamada Mamselle. Ele gostava muito de Monsieur e esbanjava carinhos com ele, deixava o cão ficar ao lado de sua cadeira quando comia e até o levava para a cama, à noite. Isso foi no período depois de Agrippa se divorciar de sua terceira esposa em 1535. Provavelmente, sentia-se muito solitário.

Wierus escreve: “E quando Agrippa e eu estávamos comendo ou estudando juntos, esse cão sempre ficava entre nós” (*De praestigiis daemonum*, 2:5). Bodin, em seu *Demonomanie*, distorce esse inocente comentário, inferindo que Agrippa e Wierus eram amantes homossexuais, e que o cão, erroneamente considerado uma cadela, ficava entre eles na cama (*De la Demonomanie des Sorciers*, edição de 1580,219-20). Na obra *Elogia* de Jovius, vemos que a coleira do cachorro tinha palavras mágicas inscritas.

A explicação para o vasto e oportuno conhecimento que Agrippa tinha dos eventos mundiais é óbvia para qualquer um que examine a *Ópera*. Ele era um incurável escritor de cartas, correspondendo-se com muitos e muitos homens cultos e proeminentes em toda a Europa. Dificilmente haveria melhor meio de se obter informações de eventos no início do século XVI, quando as viagens eram lentas e as comunicações incertas, que por meio de cartas.

A morte de Agrippa foi difamada por seus inimigos com as mesmas mentiras escandalosas. Um padre chamado Thevet escreveu:

Por fim, dirigindo-se a Lion, muito abatido e privado de suas faculdades, ele tentou todos os meios disponíveis para ganhar a vida, agitando, com a destreza que lhe era possível, a ponta de seu bastão; e mesmo assim ganhava tão pouco que morreu em um estalagem miserável, desgraçado e abominado por todo o mundo, que o detestava como um mago amaldiçoado e execrável, porque sempre carregara consigo como companheiro um demônio disfarçado de cachorro, de cujo pescoço, ao sentir que a morte se aproximava, ele removeu a coleira, toda inscrita com caracteres mágicos, e depois, em estado quase louco, afastou o animal com estas palavras: “Vá embora vil besta que me levou à total perdição”. E, logo depois, esse cão, que lhe era tão próximo e seu assíduo companheiro em suas viagens, não foi mais visto; pois, de acordo com a ordem que lhe fora dada por Agrippa, ele começou a correr em direção ao Inferno, para onde pulou e de onde nunca mais saiu, por motivo de ter provavelmente lá se afogado (*Portraits et Vier des Hommes Illustres*, Paris, edição de 1584,2:543).

O mesmo homem dá a Agrippa este grosseiro epitáfio, que é mais uma condenação de seu compositor que de seu objeto:

Esta tumba não é guardada pelas graças, mas sim pelas negras filhas do Inferno; não as musas, mas fúrias com cobras ao seu redor. Alecto apanha as cinzas, mistura-as com acônito e dá a bem-vinda oferenda

para ser devorada pelo cão estígio, que agora persegue cruelmente pelos caminhos de Orço e apanha aquele que em vida era seu companheiro, e salta sobre ele. E saúda as fúrias porque as conhece todas, chamando cada uma pelo nome. Ó famigeradas Artes, que só proporcionam esta conveniência - que, como hóspede conhecido, ele possa se aproximar das águas estíguas.

Apesar de absurdo e tolo, os sentimentos exprimidos nesse epitáfio resumem a memória pública de Cornélio Agrippa. O que, enfim, é mais forte: a verdade ou as mentiras de tolos maldosos? É triste o fato de que, apesar de os eventos de sua vida serem claros para quem os estudar, esse honorável e corajoso homem ainda tenha sua imagem denegrida.

O breve relato biográfico fornecido por Lynn Thorndike em sua *History of Magic* merece menção especial por causa de sua surpreendente malignidade. Assim começa:

Nem Cornélio Agrippa de Nettesheim deve ser reconhecido como de peso na história intelectual nem seu livro de filosofia oculta considerado uma obra importante na história da ciência mágica e experimental como pode parecer à primeira vista. Ele não era um indivíduo de sólida formação, aprendizado acadêmico e posição fixa, mas antes um daqueles gênios instáveis e vagabundos intelectuais tão comuns no fim do século XV e começo do XVI (*History of Magic*, 5:8:127).

Suas principais objeções a Agrippa parecem ser a de que ele não era um membro proeminente do corpo

docente de uma universidade importante e que praticava medicina sem uma licença. Como é possível menosprezar sua formação e aprendizado, quando ele tinha uma mente tão avançada e acima dos padrões acadêmicos estultificados da época, é difícil de entender. Talvez ele não tivesse o dogmatismo e a hipocrisia de uma educação formal na Igreja, mas estava longe de ser inculto. Erasmo, com quem Agrippa se correspondia, chamava-o de um “gênio inflamado” (Erasmo, *Epístolas*, l. 27). Ele criticava Agrippa por sua falta de discrição em sua escolha de temas e seu estilo “perturbado”, mas não menosprezava sua educação. Agrippa aprendeu a maior parte do que sabia sozinho, de livros, e não com professores.

Quanto à sua falta de bagagem universitária, Agrippa teria ficado, de bom grado, permanentemente em Pavia. Os eventos políticos tornaram tal coisa impossível, para sua grande tristeza. Quanto à falta de certificação médica, o que significava tal coisa no começo do século XVI? O fato de as pessoas o procurarem para remédios e conselho sugere que ele era um médico ao menos tão bom quanto os curandeiros que matavam de acordo com antigas prescrições. Durante a peste em Antuérpia, ele permaneceu na cidade, curando os doentes, enquanto seus colegas mais aclamados fugiram. Se ele tivesse sido menos honesto, teria enriquecido na medicina, área para a qual possuía um grande talento natural.

O que, então, pode ser dito em memória de Cornélio Agrippa? Ele foi um gênio cuja mente eclética se recusava a ser prisioneira do dogma. Em toda a sua vida, ele teve como amante

a Verdade, e mesmo em seus dias mais negros nunca deixou de venerá-la. Sua coragem, tanto física quanto intelectual, permanecia inabalável em períodos de provação. Ele sempre se comportou com honra. Se tinha falhas, eram estas: uma mente impaciente com regras fúteis e formas sem

sentido, cuja sagacidade e audácia às vezes eram mais rápidas do que a disciplina e um coração inocente que o levava a acreditar na palavra do homem. Na hora da morte, ele não tinha do que se envergonhar. Deixou como legado um livro que tem perdurado há 500 anos.



A respeito da *Filosofia Oculta*



primeira edição coesa dos *Três Livros de Filosofia Oculta, ou de magia*, foi escrita por Agrippa no fim de 1509 e no início de 1510. Mal a tinta havia secado, ele enviou a obra ao abade Trithemius para sua aprovação. Ele tinha visitado Trithemius em seu mosteiro de São Tiago em Wurtzburg na primavera de 1509, e as longas conversas que os dois tiveram sobre assuntos ocultos permaneciam vivas em sua memória. A versão manuscrita lida por Trithemius ainda existe (Würtzburg, Universitätsbibliothek, MS. cap. q. 30).

A primeira edição publicada apareceu em Antuérpia (a obra também foi vendida em Paris), da prensa de João Graphaeus, no mês de fevereiro de 1531, para ser vendida por ele sob o sinal da Limeira na rua Lombardenveste. Não tem números, sendo paginada apenas pelas letras nas folhas de A a V. O título é *Três Livros de Filosofia Oculta de Agrippa*. Embora contenha o índice dos três livros completos, a obra se interrompe bruscamente no fim do Livro Um, com esta nota:

Ao leitor

Caríssimo leitor, o autor desta divina obra pretendia trazer à luz também o segundo e terceiro livros, que são na verdade prometidos aos leitores no começo da obra, mas de maneira quase súbita e inesperada, a morte da abençoada Margaret, bem como outras preocupações, fizeram-no mudar de rumo, levando-o a desistir do que tinha começado. Mas não se deve duvidar de que, quando ele compreender que este pequeno livro não será desprezado, nem mal recebido pelos cultos, ele editará também os outros dois. No presente, receba este e abraça com boa vontade os mais ocultos mistérios e segredos das mais divinas coisas neles contidas.

Adeus.

A obra é prefixada com uma cópia do privilégio imperial, datada de 7 de janeiro de 1529, concedendo a Agrippa seis anos de direitos autorais de *Filosofia Oculta* e outros escritos. É dedicada ao reverendo padre em Cristo, ilustríssimo príncipe Hermano, conde de Wied e arcebispo de Colônia.

A primeira edição completa foi publicada em Colônia em julho de

1533, sem o nome de seu lugar de origem ou casa impressora - Soter e Hetorpius. Não se achou conveniente mencionar a impressão porque o livro tinha atraído uma considerável resistência do inquisidor de Colônia, Conrad Colyn de Ulm. Essa batalha para publicação é detalhada por Henry Morley em *Life of Agrippa*, 2:305-10.

A edição inglesa, que é o texto da presente obra, traz o título de *Três livros de filosofia oculta, escritos por Henrique Cornélio Agrippa de Nettesheim, Conselheiro de Carlos V, Imperador da Alemanha e Juiz da corte prerrogativa*, traduzido por J. E. Londres, 1651. Morley a considera “a melhor de todas as traduções inglesas”, mas acrescenta que “não é completa e contém muitos erros crassos” (Morley: 1:114-5, nota de rodapé). Que ela contém erros é inegável; mas, por outro lado, a maioria delas também continha, na edição incluída na *Ópera* latina publicada em Lion, pouco depois da morte de Agrippa, que parece ter sido a fonte usada na tradução. Quanto ao fato de estar incompleta, ela corresponde mais ou menos ao texto da versão na *Ópera* - não posso falar da edição de 1533, que não vi.

“J. F.” são as iniciais de James Freake, segundo a “Lista de Livros Citados” no *Oxford English Dictionary*, edição compacta, 2.4101 (velha edição). Seu primeiro nome é mencionado, não na lista, mas nas definições de vários verbetes - por causa das muitas palavras obscuras em *Filosofia Oculta*, ele é citado com frequência pelo *OED*. Apesar de meus esforços, e para minha vexação, não consegui encontrar informação alguma acerca

de James Freake em outros livros de referência.

Após preparar esta edição para ser impressa, encontrei uma afirmação de que as letras J. E significariam John French (ver bibliografia de Laycock, *Enochian Dictionary*). Segundo a “Lista de Livros Citados” do *OED*, John (não James) French é responsável por duas obras alquímicas, publicadas em 1650 e 1651 - o que faz dele um bom candidato à autoria da *Filosofia Oculta*, versão inglesa de 1651.

É essa tradução inglesa (não vi nenhuma outra) que forma o texto de *The Magus, or Celestial Intelligencer*, de Francis Barrett, publicado em Londres, 1801. O livro de Barrett é composto de grandes blocos de material plagiado de *Filosofia oculta* e do espúrio *Quarto livro de filosofia oculta*. Nada contém de original. Em nenhum lugar, Barrett reconhece que seu livro foi escrito por Cornélio Agrippa. Qualquer pessoa que lesse *The Magus*, como eu li anos atrás, ficaria surpresa com seu nível de excelência. Mas tal excelência vem de Agrippa; embora as pranchas de *Filosofia Oculta* tenham sido redesenhadas com elegância, ainda apresentam os erros originais. Barrett mesmo só merece desprezo.

A tradução de Freake também foi a base de *The Philosophy of Natural Magic*, reimpresso em Chicago, 1913, pelo editor do oculto e pirata literário L. W. de Laurence, da edição preparada por Wallis E Whitehead, publicada por E. Loomis and Company. Ela consiste no primeiro dos três livros da *Filosofia Oculta*, com um relato breve e incompleto da vida

de Agrippa, de Morley. O texto tem ortografia modernizada e algumas modificações de pontuação, mas fora isso o texto de Freaque não sofreu mudanças. Também contém algumas (pouquíssimas) notas de rodapé e uma miscelânea de baboseiras ocultas anexada ao fim de uma variedade de fontes. Eu só a menciono porque ele foi reimpresso pela University Books, em 1974, e é o único texto da *Filosofia Oculta*, embora incompleto, que foi relativamente fácil de obter.

Agrippa tinha uma mente clara e ordenada. A estrutura de *Filosofia Oculta* é bastante lógica, apesar de sua tendência a pular de um assunto para outro e de abordar temas únicos em vários lugares. A estrutura maior segue a divisão trina do mundo estabelecida na primeira frase do primeiro capítulo:

Vendo que existe um mundo triplo, elementar, celestial e intelectual, e que todo inferior é governado por seu superior, e recebe a influência das virtudes dele, de modo que o original e principal Trabalhador de todos, por meio de anjos, dos céus, das estrelas, elementos, animais, plantas, metais e pedras transmite de si as virtudes de sua onipotência sobre nós, para cujo serviço ele fez, criou todas essas coisas, os sábios não consideram de modo algum irracional que nos seria possível ascender pelos mesmos graus, através de cada mundo, até o mesmo velho mundo original, o Criador de todas as coisas, e Primeira Causa, de onde todas as coisas são e procedem; e também não apenas desfrutar essas virtudes, que já se encontram entre a mais excelente espécie de coisas,

mas ainda atrair novas virtudes do alto.

O livro I trata da magia no mundo natural ou elementar das pedras, ervas, árvores, metais, e assim por diante; o livro II examina o mundo celestial ou matemático, a influência do firmamento e dos números (os planetas e estrelas, como se movem de acordo com relações matemáticas e geométricas estritas, são considerados parte da magia matemática); o livro III analisa o mundo intelectual de deuses pagãos, espíritos, anjos, demônios e os métodos de magia cerimonial usados para interagir com esses seres, bem como com Deus.

O sistema de magia de Agrippa é uma amálgama de ocultismo grego e romano extraído de fontes clássicas como Plínio, o Velho, Ovídio, Virgílio, Apuleio e, claro, Hermes Trismegisto, além de escritores de período posterior, como Ficino; e a Cabala judaica medieval, derivada dos escritos de Reuchlin e Pico della Mirandola. Agrippa foi talvez o primeiro a integrar essas duas correntes ocultas, que até aquela época eram separadas (o neoplatonismo exerceu alguma influência sobre os cabalistas judeus, mas a Cabala não influenciou em nada os descendentes do neoplatonismo).

Frances A. Yates afirma que Agrippa se considerava um cabalista cristão segundo o modelo de Pico della Mirandola, que foi o primeiro a apresentar a Cabala a estudiosos ocidentais não judeus. Afirmando a supremacia de Cristo, ele segue Mirandola em usar o nome de Jesus (IHShVH) como o nome supremo de poder, substituindo o nome Javé ou Jeová (IHVH) dos cabalistas judeus.

Quanto ao propósito por trás de *Filosofia Oculta*, a escritora diz: “Na verdade, creio que o objetivo de Agrippa é justamente proporcionar os procedimentos técnicos para se adquirir uma filosofia mais poderosa e ‘realizadora de milagres’ que Reuchlin pedia, uma filosofia ostensivamente neoplatônica, mas incluindo uma essência hermética/cabalística” (Yates 1985, 5:46).

Não foi o acaso nem o descuido que fez com que elementos da Cabala se encontrem espalhados pelos três livros, mas um esforço deliberado de energizar com fórmulas e procedimentos práticos a Filosofia clássica que começava a ressurgir à luz da Renascença; e também, como vê Yates, santificar o misticismo dos pagãos. A Cabala era, para Agrippa, a magia de Deus.

Havia um ditado comum na época de Agrippa: “Aprende grego e vira herege”. Essa insularidade e idolatria ele tenta superar, firme na fé em que os milagres do mundo antigo, desenterrados e vitais, podem transcender a árida paralisia e o dogmatismo dos escolásticos católicos. Yates comenta: “A filosofia oculta de Agrippa pretende ser uma magia muito branca. Na verdade, ela é uma religião, alegando acesso aos poderes superiores, e cristã, porque aceita o nome de Jesus como principal dentre os nomes que operam milagres” (*Ibid.*).

Filosofia Oculta teve uma enorme influência naqueles que buscam uma percepção mística da verdade por meio da arte da magia. Era o mais importante repositório de conhecimento prático, dando uma hoste de nomes, associações e usos de

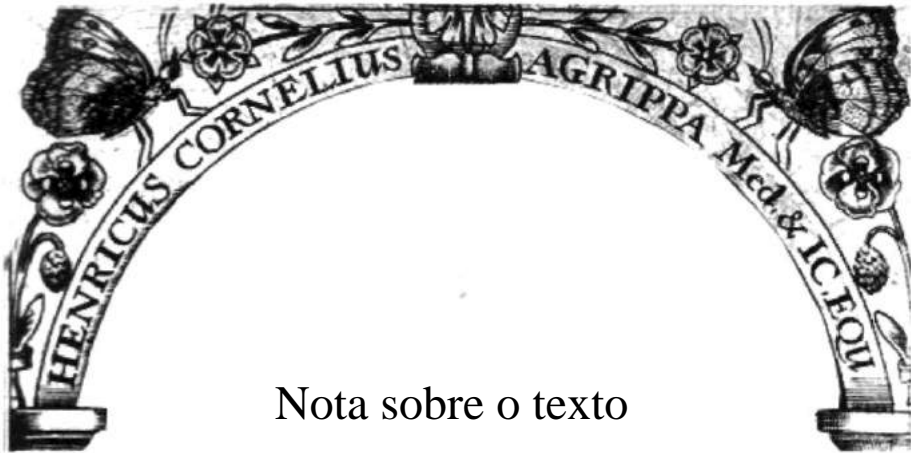
espíritos, caracteres e alfabetos ocultos, sigilos, ervas, pedras, símbolos, cores, fumaças, números, orações, estrelas, animais e outros elementos de emprego mágico. As principais teses ocultas do mundo clássico estão nele claramente estabelecidas, enquanto antes disso, até então, eram apenas implicadas por exemplos. Os métodos da misteriosa Cabala dos hebreus são explicados em detalhe, e todos os seus segredos são expostos. Na prática, Agrippa tinha produzido a enciclopédia mágica da Renascença, a fonte de referência em um volume de fácil acesso para todas as perguntas de natureza prática acerca da magia.

Seria difícil exagerar a influência que o livro exerce até hoje dentro do mundo oculto. Aqueles que o detratam - Lynn Thorndike, por exemplo, que o chama de “livro decepcionante” - são os que não respeitam nem conhecem os leitores para quem o livro foi escrito. *Filosofia Oculta* é um livro de magia escrito para magos. É um livro-texto detalhado da Arte. Entre os ocultistas europeus, ele serve como único e mais importante guia para os últimos cinco séculos.

Qualquer pessoa que examine com seriedade os métodos da magia moderna, pelo menos como ela funciona nos países de língua inglesa, reconhecerá que eles se baseiam principalmente nos ensinamentos da Golden Dawn (ou “Aurora Dourada”), uma sociedade de magia vitoriana, e nos escritos do mago Aleister Crowley. Este foi membro da Golden Dawn quando era jovem, e seu sistema mágico se baseia nos ensinamentos da sociedade com pouquíssimas inovações. A Golden Dawn, por sua vez, usou como fonte primária para

nomes de espíritos, sigilos, quadrados mágicos e métodos cabalísticos a *Filosofia Oculta*, ou, de modo mais específico, o *Magus* de Barret, que é a

Filosofia Oculta mutilada. Portanto, uma única linha une a magia cerimonial da atualidade, que vem sendo usada por milhares de pessoas, a essa enciclopédia mágica da Renascença.



Nota sobre o texto



sforcei-me para preservar a textura e a qualidade da tradução de Freake, desde que não interferisse com a clareza do sentido que Agrippa quis passar.

A ortografia foi modernizada, mas no caso de escolha entre uma forma moderna e uma mais antiga ainda reconhecida nos dicionários, a mais antiga foi a preferida. A grafia de nomes e lugares, quando modificada pelas peculiaridades do período ou erros tipográficos, foi corrigida; mas em caso de dúvida quanto a que pessoa, lugar ou coisa se referem, ou quando uma forma mais antiga, porém aceita, de um nome ainda é usada, a forma original geralmente é mantida, com uma referência nas notas de rodapé.

A pontuação antiga permanece quase intacta. Ela tem uma lógica própria que se tornará familiar ao leitor, com o uso. Foram feitas emendas quando o sistema de pontuação estabelecido em determinado trecho de um capítulo foi violado de modo arbitrário, quando erros óbvios ou de impressão foram cometidos, em que a pontuação interferia com o sentido do texto.

Com relutância, eu omiti o uso aleatório de letras maiúsculas e de itálicos que permeiam a edição de Freake. Embora os ache atraentes, tais artifícios dificultam a compreensão do tema e, em alguns capítulos, ela já é difícil por si. Abri uma exceção no caso de nomes pessoais, os quais retêm o itálico no corpo do texto, embora não entre aspas. Como os nomes são muitos, o uso de itálicos é útil, como um instrumento de referência na hora de procurar um autor específico.

O maior contraste com o texto original da tradução foi a inclusão de quebras de parágrafos. Agrippa não faz parágrafos. Freake o faz raramente - por exemplo, o capítulo X do livro II tem mais de dez páginas e consiste em dois parágrafos, o primeiro com menos de uma página, o segundo com mais de oito. Mesmo quando Freake quebra o texto, ele o faz sem consideração pelo assunto. Dentro do possível, mantive a divisão original de parágrafos. A necessidade de quebrar mais o texto para descansar os olhos possibilitou iluminar o significado de Agrippa, por meio do agrupamento lógico e sistemático de categorias e ideias.



Henrique Cornélio Agrippa de Nettesheim





Três Livros de

Filosofia Oculta





Escritos por Henrique Cornélio Agrippa

de Nettesheim,

Conselheiro de Carlos V,

Imperador da Alemanha,

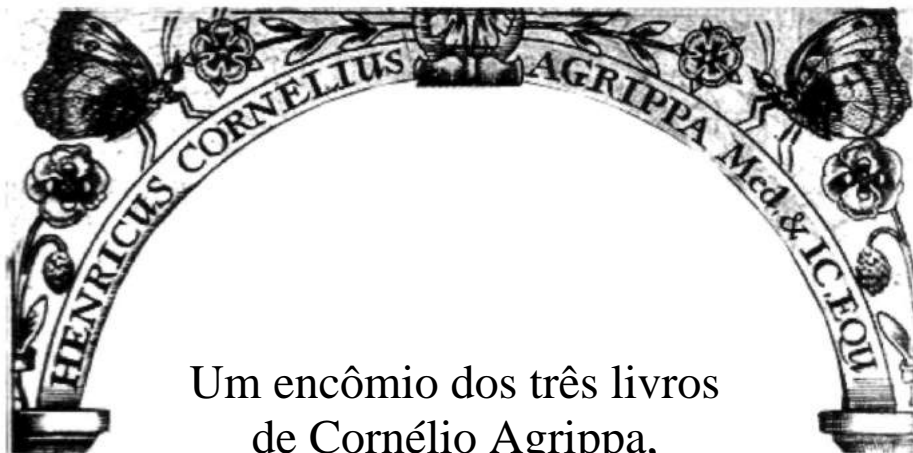
e

Juiz da corte prerrogativa

Traduzido do latim para a língua inglesa por J. Freake

Compilação e Comentários de

Donald Tyson



Um encômio dos três livros de Cornélio Agrippa, cavaleiro

por Eugenius Philalethes¹



Grande, glorioso
pseudônimo! O qual eu não
deveria mencionar,

Para que não pareça que o
valorizo pela fama. Apóstolo
da natureza e sumo
sacerdote por ela escolhido. Dela o
místico e brilhante evangelista. Como
me extasio quando o contemplo,

E me elevo acima de tudo o que vejo! Os
espíritos de suas linhas infundem um
fogo

Como a Alma do Mundo,² que me faz
aspirar:

Sou descarnado por seus livros e por
você,

E em seus escritos encontro meu êxtase.

Ou porventura arrisco-me a perder-me
entre as linhas.» Seus elementos³ varrem
minha alma novamente.

Posso despir meu Eu diante de seu
espelho brilhante,

E depois retomo o invólucro que eu era.

Ora sou Terra, ora uma Estrela, e depois

Um Espírito; ora uma Estrela, Terra de
novo;

Ou se puder me tornar tudo o que existe,

No momento mais ínfimo, sou os Três.

Comporto o céu e a terra, e as coisas do
alto,

E ainda mais, uno forças com o Júpiter
de cada uma.

Ele coroa minha alma com fogo, e lá
brilha

Como o arco-íris em uma nuvem minha.

Porém, há uma lei, a qual me norteia As
cinzas e o próprio fogo se dissipam,

Mas em sua esmeralda⁴ ele ainda
aparece;

Nada mais são que mortalhas que ele por
aqui espalha.

Quem vê esse fogo sem sua máscara, seu
olho

Deve ser engolido pela luz, e morrer.
Esses são os mistérios por que chorei,

Glorioso Agrippa, onde sua língua
adormeceu,

Onde sua textura sombria me fez vagar longe,
 Enquanto pela noite sem trilhas, eu localizei a estrela,
 Mas encontrei aqueles mistérios pelos quais
 Seu livro foi mais de três vezes coberto de betume.
 Agora um novo leste além das estrelas eu vejo
 Onde nasce o dia de sua divindade: O céu faz um comércio aqui com o homem, se ao menos

Ele tiver mãos gratas e olhos para ver. E então, vocês estudiosos que buscam a verdade,
 E sem argumentos, mas com barulho, e orgulho;
 Vocês que tudo amaldiçoam, exceto aquilo que vocês mesmos inventam, E no entanto nada encontram por experimento:
 Seu destino é escrito por uma mão invisível,
 Mas seus três livros com os três mundos⁵ perseverarão.

Notas - Um Encômio

1. Pseudônimo de Thomas Vaughan (ver nota biográfica). Esse poema aparece na obra mística alquímica *Anthroposophia Theomagica* (1650). Acima do poema, Vaughan diz: “Mas não serei eu visto como um conjurador, uma vez que sigo os princípios de Cornélio Agrippa, aquele grande Arquimago, como o chamam os jesuítas anticristãos? Ele de fato é o meu autor, e depois de Deus, a ele devo tudo” (*Magical Writings of Thomas Vaughan*, ed. A. E. Waite [London: George Redway, 1888], 33).
2. Ver apêndice II.
3. Ver apêndice III.
4. Ver apêndice I.
5. O natural, o celestial e o inteligível.



A vida de Henrique Cornélio Agrippa, cavaleiro

Henrique Cornélio Agrippa, descendente de uma família nobre de Nettesheim, na Bélgica, doutor em Direito e Física, mestre das Listas e juiz da Corte Espiritual, desde

jovem aplicou a mente a aprender, e com sua feliz argúcia, obteve grande conhecimento de todas as artes e ciências; após o que também seguiu o exército dos príncipes, e, por seu valor, recebeu o título de cavaleiro no campo.

E quando, por esses meios, ele se tornou famoso por sua erudição e suas armas, por volta de 1530, dedicou-se a escrever, e compôs os Três Livros de *Filosofia Oculta*; e depois uma invectiva ou declamação cínica da *Incerteza e Frivolidade de Todas as Coisas*, na qual ensinava que não existe certeza em coisa alguma, exceto nas palavras sólidas de Deus, e que ela se esconde na eminência da palavra de Deus. Ele também escreveu uma *História da Dupla Coroação do Imperador Carlos*, e também da *Excelência do Sexo Feminino*, e das *Aparições de Espíritos*; mas, vendo que ele publicara comentários a respeito da *Ars Brevis de Raymundus Lully* e era um

entusiasta de filosofia oculta e Astrologia, houve quem acreditasse que tinha um pacto com demônios, ao que ele refutou em sua *Apologia* publicada, mostrando que se mantinha nos confins da arte.

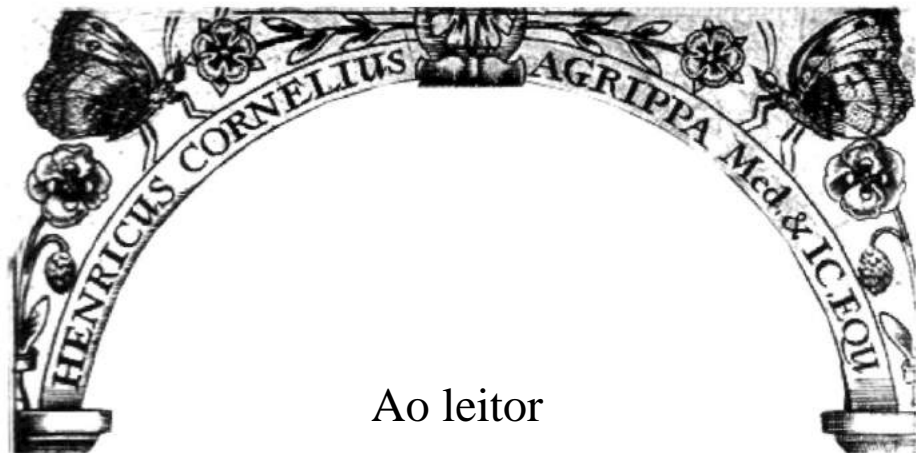
Em 1538, Agrippa escreveu muitos discursos eruditos, todos os quais manifestam a excelência de sua argúcia; mas particularmente dez deles: o primeiro a respeito do Banquete de *Platão*, feito na Academia de Tricina e contendo o elogio do amor; o segundo sobre *Hermes Trismegisto*, e o poder e sabedoria de Deus; o terceiro para quem iria receber o grau de doutorado; o quarto pelos Senhores de Metz, quando ele foi escolhido como seu advogado, síndico e orador; o quinto ao senado de Luxemburgo, para os Senhores de Metz; o sexto para cumprimentar o Príncipe e o Bispo de lá, escrito para os Senhores de Metz; o sétimo para cumprimentar um homem nobre, também para os Senhores de Metz; o oitavo para um parente dele, um carmelita que se tornara bacharel de Divindade, quando recebeu sua regência em Paris; o nono para o filho de *Cristiano*, rei de Dinamarca, Noruega e Suécia, feito

quando da vinda do imperador; o décimo no funeral de *Margaret*, princesa da Áustria e Borgonha.

Ele também escreveu um Diálogo acerca do Homem, e uma Declamação de uma Disputável Opinião a respeito do Pecado Original ao Bispo de Cirene; uma Epístola a *Miguel de Arando*, bispo de Saint Paul; uma Queixa de Uma Calúnia Não Provada, impressa em Estrasburgo em 1539.

E assim, por esses monumentos publicados, o nome de Cornélio ficou famoso por sua variedade de conhecimentos não só entre os alemães, mas

também em outras nações; pois o próprio *Momo* censura todos entre os deuses; entre os heróis, *Hércules* caça monstros; entre os demônios, *Plutão*, o rei do Inferno, se enfurece com os fantasmas; entre os filósofos, *Demócrito* ri de todas as coisas, ao contrário de *Heráclito*, que chora por todas as coisas; *Pirrias* é ignorante de todas as coisas, e *Aristóteles* pensa que sabe tudo; *Diógenes* condena tudo; e Agrippa não poupa ninguém, ele condena, sabe, é ignorante, chora, ri, se enfurece, persegue, censura tudo, sendo ao mesmo tempo filósofo, demônio, herói, um deus, e todas as coisas.



Ao leitor



ão duvido que o título de nosso livro, *Da Filosofia Oculta, Ou Da Magia*, possa, por sua raridade, atrair muitos à leitura, entre os quais alguns de louco¹ julgamento, e alguns perversos ouvirão o que eu digo e, por causa de sua flagrante ignorância, poderão interpretar no pior sentido o nome de magia, e embora mal tenham visto o título, conclamarão que eu ensino artes proibidas, semeio a semente de heresias, ofendo ouvidos puros e escandalizo mentes de excelência; que sou um feiticeiro, e supersticioso, e demoníaco, quando de fato sou um mago.

A esses explico que mago, entre os homens de cultura e educação, não significa um feiticeiro, ou alguém supersticioso ou demoníaco; mas sim um sábio, um sacerdote, um profeta; e que as sibilas eram magas e, portanto, profetizavam, claramente de Cristo;² e que os sábios, na qualidade de reis magos,³ por meios dos maravilhosos segredos do mundo, sabiam que Cristo, o autor do mundo, nascera, e vieram antes de todos para venerá-lo; e que o nome da magia era recebido por filósofos, recomendado

por adivinhos, e não inaceitável pelo Evangelho.

Creio que os desdenhosos censores prefeririam protestar contra as sibilas, os santos magos e até o próprio Evangelho a ver com bons olhos o nome da magia; tão conscienciosos eles são que nem *Apolo*, nem todas as musas, nem um anjo do céu podem me redimir da praga deles. A eles recomendo então que não leiam nossos escritos, nem os entendam, nem se recordem deles. Pois são perniciosos e cheios de veneno; o portão de *Aqueronte*⁴ está neste livro; ele joga pedras, e que eles atentem para que não apedreje seus cérebros.

Mas você que o lê sem preconceitos, se for discreto e prudente como as abelhas o são para juntar mel, leia com confiança e acredite que lucrá muito com a leitura, além de ter grande prazer; mas, se encontrar aqui coisas que não lhe sejam agradáveis, ignore-as e não as use; pois eu não as aprovo, apenas as declaro a você; mas não recuse as outras coisas, pois aqueles que examinam os livros dos médicos, estudando antídotos e remédios, também leem os venenos. Eu confesso que a magia em si ensina muitas coisas supérfluas

e curiosos prodígios para ostentação; deixe-as, como coisas vazias; porém, não fique ignorante de suas causas. Aquelas coisas, contudo, que são para o benefício do homem, para afastar eventos malignos, para destruir feitiçarias, para curar doenças, para exterminar fantasmas, para preservar vida, honra, fortuna, podem ser feitas sem ofensa a Deus, ou injúria à religião, pois são lucrativas e tão necessárias.

Se o admoestei, é porque escrevi muitas coisas em tom narrativo ou afirmativo; pois assim pareceu necessário que abordássemos menos coisas segundo o julgamento dos platônicos e outros filósofos gentios, quando sugeriam um argumento que serviria para escrevermos de acordo com nosso propósito; portanto, se algum erro foi cometido, ou se algo foi falado com maior liberdade, perdoe minha juventude. Quando escrevi, era ainda muito jovem, e posso me desculpar e dizer que, quando era criança, falava como criança e entendia como criança; mas, ao me tornar homem, abandonei aquelas coisas que fazia quando menino, e em meu livro *Da Frivolidade e Incerteza das Ciências*,⁵ eu basicamente retratei este livro.

Mais uma vez, aqui, você pode me culpar, dizendo: enquanto você era jovem, escrevia; agora que é velho, retrata suas palavras; o que escreveu então? Eu confesso que, quando era muito jovem, me dediquei a escrever estes livros, mas esperando que os

apresentaria com correções e adições, e por esse motivo o dei a *Trithemius*, um abade napolitano, antes spanhemensiano, homem laborioso no estudo de coisas secretas. Aconteceu, porém, que a obra foi interceptada antes que a acabasse e disseminada imperfeita e não lapidada na Itália, França e Alemanha, passando pelas mãos de muitos homens, e alguns, por impaciência ou imprudência, não sei qual, a queriam imprimir imperfeita como estava; bem que eu, sendo o primeiro afetado, quis impedir, imprimindo-a eu mesmo, pensando que haveria menor perigo se os livros saíssem de minhas mãos com algumas emendas do que em fragmentos, das mãos de outros homens. Além disso, não considere crime não deixar o testemunho de minha juventude morrer.

Também acrescentamos alguns capítulos e inserimos muitas coisas que nos pareceriam inapropriado ignorar, e que o leitor curioso será capaz de compreender pela singularidade da própria frase; pois não estávamos dispostos a recomeçar todo o trabalho e revelar tudo o que tínhamos feito, se não o corrigíssemos e adicionássemos um certo floreado.

Por tudo isso, rogo a você, gentil leitor, mais uma vez, que não pondere essas coisas de acordo com o momento em que elas são registradas, e perdoe minha curiosa juventude, se encontrar aqui alguma coisa que o desagrade.

Notas - Ao Leitor

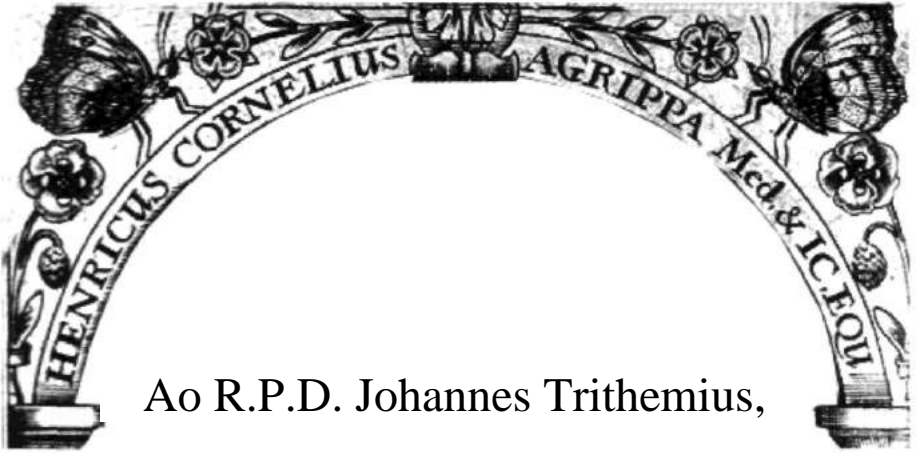
1. Imperfeito.

2. Ver nota 15, livro I, capítulo LX.

3. Mateus 2: 1-2.

4. Um nome da terra dos mortos, derivado do Rio Aqueronte que, segundo se contava, corria através do submundo. Os etruscos veneravam Acheron e sacrificavam para esse deus para deificar as almas de seus mortos.

5. *De incertitudine et vanitate scientiarum*, etc, Antuérpia, 1531.



Ao R.P.D. Johannes Trithemius,
abade de São Tiago nos subúrbios
de Herbipolis, Henrique Cornélio
Agrippa de Nettesheim envia seus
cumprimentos¹



Quando estive recentemente (reverendíssimo padre) por algum tempo em conversa com o senhor em seu mosteiro de Herbipolis, falamos de diversas coisas ligadas à Química, à Magia e à Cabala, além de outros assuntos que ainda se encontram ocultos em ciências e artes secretas; e havia uma grande pergunta entre todas: por que a Magia, enquanto considerada por todos os grandes filósofos a principal ciência, e venerada por antigos sábios e sacerdotes, passou a ser, no início da Igreja Católica, uma coisa odiosa e vista com desconfiança pelos santos padres, para depois explodir entre os adivinhadores e ser condenada pelos cânones sagrados, além de ser proibida por todas as leis e determinações.

Bem, a causa, como a concebo, não é outra senão esta: com uma fatal depravação dos tempos e dos homens, muitos falsos filósofos se imiscuíram nela, e estes, sob o nome de

magos, acumulando por vários tipos de erros e facções de falsas religiões muitas amaldiçoadas superstições e ritos perigosos, e muitos sacrilégios ímpios, fora da religião ortodoxa, em perseguição da natureza e destruição dos homens, e injúria de Deus, publicaram muitos livros malignos e até ilegais, como os que vemos disseminados hoje em dia, aos quais eles furtivamente prefixaram os nomes mais honestos e o título de magia. Por meio desse título sagrado de magia, eles esperavam ganhar a credibilidade às suas famigeradas e detestáveis insanidades.

Daí que esse nome de magia, até então honorável, tornou-se hoje odioso aos homens bons e honestos, implicando crime capital caso alguém se professe um mago, seja em doutrina ou em obras, a menos que seja uma velha caduca que mora no campo, à qual se atribuem habilidades e um poder divino, e que (como diz *Apuleio*)² ela possa fazer baixar o céu,

erguer a terra, secar fontes, deslizar montanhas, invocar fantasmas, chamar deuses, extinguir estrelas, iluminar o Inferno ou, como canta *Virgílio*:³

Ela promete por seus encantamentos
gerar grandes preocupações,
Ou aliviar a mente dos homens, e
fazer as estrelas
Retrocederem; e os rios pararem seu
curso,
E invocar os fantasmas da noite a seu
bel-prazer,
Fazer a terra gemer, e as árvores
tombarem
Das montanhas.

Daí aquelas coisas que *Lucano*⁴ relata em Tessália, a respeito das magas, e *Homero*⁵ da onipotência de *Circe*, das quais muitos, confesso, têm uma opinião falaciosa, com uma diligência supersticiosa e um labor pernicioso, não sabendo sequer o que é um arte ímpia, mas presumindo que são capazes de se investir do venerável título de magia.

Sendo assim as coisas, eu me surpreendia com frequência, e não menos zangado, por não existir ainda um homem que desafiasse essa sublime e sagrada disciplina com o crime de impiedade, ou que a tivesse nos transmitido com pureza e sinceridade, pois já vi nossos escritores modernos, *Roger Bacon*, *Robert*, um inglês,⁶ *Peter Apponus*,⁷ *Albertus*, o Teutônico,⁸ *Arnoldas de Villa Nova*, *Anselmo*, o Parmesão,⁹ *Picatrix*, o Espanhol, *Cicclus Asculus*¹⁰ de Florença, e muitos outros escritores de nome obscuro, que prometiam tratar de magia, mas nada faziam senão criar brinquedos irracionais e superstições indignas dos homens honestos.

Por isso, meu espírito se comoveu, e, em parte por admiração, em parte por indignação, eu me dispus a bancar o filósofo, supondo que faria um trabalho recomendável, pois desde minha juventude sempre fui um buscador curioso e destemido de efeitos fantásticos e de operações cheias de mistérios; que eu possa, assim, recuperar aquela antiga magia, a disciplina dos sábios, de todos os erros da impiedade, purificá-la e adorná-la, com seu devido lustre, e vingá-la das injúrias de seus caluniadores. Há muito eu vinha deliberando tal procedimento em minha mente, mas não me atrevia a executá-lo; mas, após algumas conversas entre nós acerca dessas coisas em *Herbipolis*, seu conhecimento transcendente, sua erudição, e seu ardor me deram coragem e desembaraço.

Selecionando a opinião de filósofos de renomada credibilidade, purgando a intromissão dos ímpios (que, com um conhecimento falso, ensinam que as tradições dos magos devem ser aprendidas nos livros das trevas e em instituições de operações sinistras) e removendo toda a escuridão, consegui por fim compor três compêndios de magia, intitulados *De Filosofia Oculta*, sendo um título menos ofensivo; livros estes que submeto a você (já que seu conhecimento é excelente em tais assuntos), para corrigir e censurar, caso eu tenha escrito algo que possa ser de natureza injuriosa, ofensivo a Deus ou à religião. Nesse caso, condene o erro; mas, se o escândalo da impiedade for dissolvido e purgado, você pode defender a tradição da verdade. E isso poderá fazer com estes livros, e com a

própria magia, que nada que seja considerado digno de publicação e benéfico seja mantido oculto e que nada sucesso entre o público, sem medo de que possa ferir seja aprovado. É por esse sofrer censura na posteridade. motivo que desejo que os livros passem por seu crivo e que sejam enfim

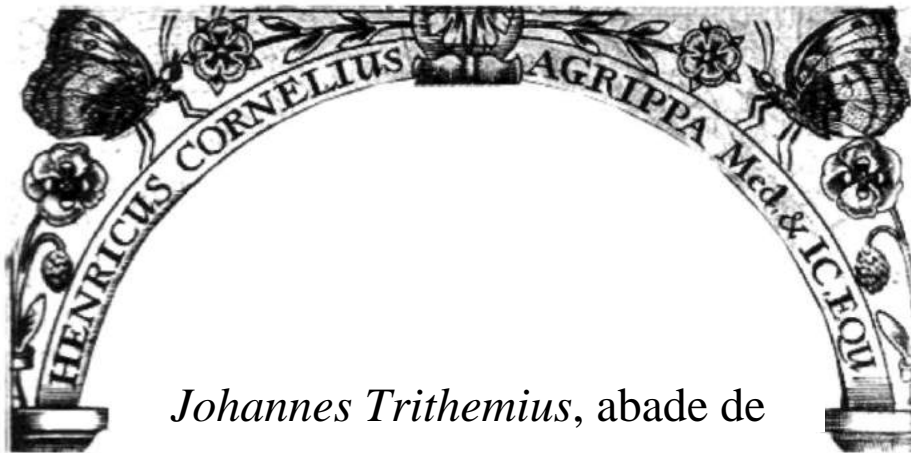
Adeus, e perdoe esses meus usados empreendimentos.

Notas - Ao R.P.D. Johannes Trithemius

1. Essa carta também aparece como a carta 23,1. 1, no Epistolário da *Opera* latina das obras de Agrippa (c. 1600), reimpressa em fac-símile em dois volumes por Georg Verlag, Hildesheim e New York, 1970, II:620-3.
2. Sócrates descreve a bruxa Meroe a Apuleio: Com certeza, ela é uma maga que tem poder para governar o firmamento, fazer baixar o céu, remexer a terra, desviar as águas para as colinas e as colinas às águas, levantar ao ar os espíritos terrestres e puxar os deuses do céu, extinguir planetas e iluminar a escuridão profunda do Inferno. (*Apuleio, O asno de ouro*, cap. 4, traduzido para o inglês por W. Adlington [1566] [London, ed. de 1639]).
3. Essa citação é de *Eneida*, l. 4, linhas 487-91. Lembra-me desta descrição em Ovídio, dita por Hipsipile, amante do herói Jasão, sobre sua rival, a bruxa Medeia: mas com seus encantamentos, ela o influenciou; e com sua foice encantada, ela ceifa as plantas tóxicas. Ela se empenha em atrair a recalcitrante Lua de sua carruagem e em envolver os cavalos do Sol em trevas. Ela domina as ondas e para o curso dos rios: ela remove as florestas e as rochas firmes de seus lugares originais. Entre as tumbas, ela vaga sem cinturão, com os cachos soltos, e pega certos ossos das pilhas ainda quentes (Epístola VI: "Hypsipyle to Jason". Em *The Heroides*, traduzido para o inglês por H. T. Riley [London: George Bell and Sons, 1883], 56-7). Há uma notável semelhança nas descrições dos poderes de bruxaria em Virgílio, Apuleio, Ovídio e Lucano - pode-se presumir que os três últimos se basearam em Virgílio.
4. Isto é, Erichtho, uma superpoderosa bruxa de Tessália. Ver *Pharsalia* de Lucano, 6, c. linha 506.
5. Ver a *Odisseia* 10.
6. Robertus Anglicus.
7. Petro de Apono.
8. Alberto Magno.
9. Georgio Anselmi.
10. Cecco d'Ascoli.



Johannes Trithemius



Johannes Trithemius, abade de
São Tiago de Herbipolis, ex de
Spanhemia, a seu *Henrique*
Cornélio Agrippa de Nettesheim,
saúde e amor¹



ua obra (renomado Agrippa) intitulada *De Filosofia Oculta*, que me enviou por este portador para ser por mim examinada, com que prazer a recebi não há língua humana mortal que possa exprimir, nem pena com que eu possa escrever. Maravilhei-me diante de seu conhecimento mais que vulgar, e que ainda sendo tão jovem conseguisse penetrar em segredos que têm sido mantidos ocultos de homens bem instruídos, registrados não só de modo claro e verdadeiro, mas também apropriado e elegante. Em primeiro lugar, agradeço-lhe por sua boa vontade para comigo, e se eu for capaz, agradecerei novamente com as maiores de minhas forças; sua obra, que nenhum homem de conhecimento é capaz de elogiar o suficiente, eu aprovo.

Agora, para que você prossiga em direção a coisas superiores, como

já começou, e não deixe sua perspicácia ociosa, com toda a minha sinceridade eu aconselho, peço e imploro que se empenhe em continuar em busca de coisas melhores e demonstre a luz da verdadeira sabedoria aos ignorantes, uma vez que você mesmo é iluminado. Tampouco deixe que a opinião de indivíduos levianos e fúteis o afaste de seu propósito. Deles eu digo, um boi exausto pisa duro, enquanto nenhum homem, segundo o julgamento do sábio, pode ser verdadeiramente instruído se estiver comprometido com os rudimentos de uma única faculdade; mas você foi agraciado por Deus com um discernimento grande e sublime; não são os bois que você deve imitar, mas os pássaros. Também não se contente com os particulares, mas almeje com confiança o que é universal; pois, quanto mais instruído um indivíduo é considerado, de mais coisas ele é ignorante. Além

disso, sua perspicácia é perfeitamente apta para todas as coisas e pode ser empregada de modo racional não em poucas ou ínfimas coisas, mas em muitas e mais sublimes.

Entretanto, esta regra eu o aconselho a observar: comunique segredos vulgares a amigos vulgares, mas os segredos superiores só aos amigos superiores e também secretos. Dê feno a um boi, açúcar a um papagaio; compreenda o que quero dizer, para não

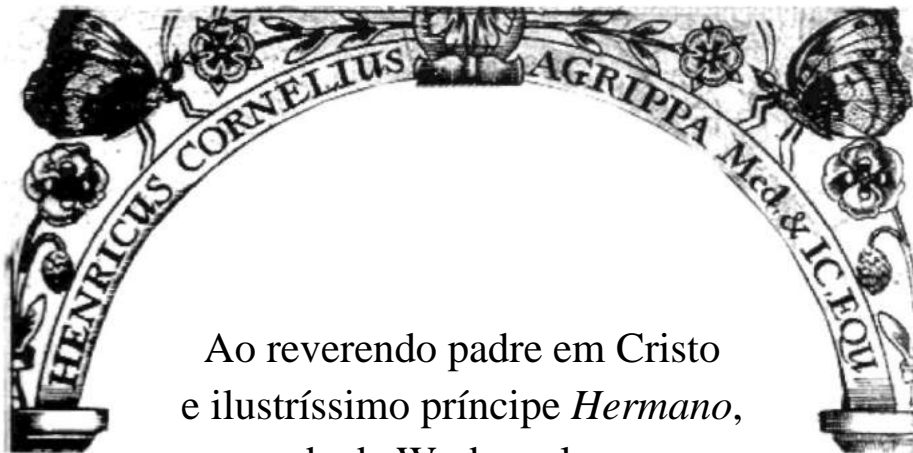
ser pisoteado pelas patas do boi, como acontece com frequência.

Adeus, meu feliz amigo, e se estiver ao meu alcance servi-lo, ordene-me, e a seu prazer será tudo feito, sem demoras; que nossa amizade aumente a cada dia; escreva-me com frequência e envie-me alguns de seus trabalhos, rogo-lhe com sinceridade. Mais uma vez, adeus.

De nosso mosteiro em Peapolis, 8º dia de abril, MDX d.C.

Nota - Johannes Trithemius

1. Esta carta também aparece como carta 24, l. 1, Epistolário da *Opera* latina das obras de Agrippa, 2:623-4.



Ao reverendo padre em Cristo
e ilustríssimo príncipe *Hermano*,
conde de Wyda, pela graça
de Deus arcebispo da santa Igreja de
Colônia, príncipe eleitor do Sacro
Império Romano e chanceler-chefe pela
Itália. Duque de Westfalia, e Angaria, e
Descendente do legado da santa Igreja
de Roma, membro da corte do vigário
geral, *Henrique Cornélio Agrippa* envia
seus cumprimentos¹



al é a grandeza de sua renomada fama (reverendíssimo e ilustre príncipe), tal é a grandeza de suas virtudes e o esplendor de sua sabedoria, e sério discurso, com sólida prudência e elegante prontidão de oratória, conhecimento de muitas coisas, fiel na religião e meritórias condições, com as quais é agraciado além do costume comum aos outros; e nada digo daqueles antigos monumentos à sua eminente nobreza, dos antigos tesouros de suas riquezas,

velhas e novas, da amplitude de seu domínio, dos ornamentos das sagradas dignidades, com a excelência que lhe é própria, e que acrescente à boa forma e à força do corpo.

Embora sejam grandiosas todas essas coisas, eu o considero maior que todas elas, pois aqueles que por suas heroicas e superilustres virtudes à sua eminência se sentem atraídos, e quanto mais nobres e doutos, e mais apegados às virtudes, mais se insinuem em seu favor. Quanto a mim também, resolvido estou em obter seu favor,

mas segundo os modos do povo de Partia, ou seja, não sem um presente, com o costume de saudar os príncipes, herdado dos antigos e ainda observado nos dias de hoje. E quando vejo outros homens doutos se aproximarem de sua eminência com bons e grandiosos presentes, para não ser negligente de sua veneração e reverência, não ousou me apresentar de mãos vazias diante de sua grandeza. Com atenção, perscrutando cuidadosamente meu estúdio para ver que presente eu deveria dar a tão ilustre príncipe, eis que entre tantas coisas dispostas a esmo, os livros *De Filosofia Oculta*, *Ou De Magia*, se ofereceram, que tentei escrever quando era muito jovem, e agora, muitos anos depois, como se já os esquecesse, deixei de os aperfeiçoar. Apressei-me, então, como que para cumprir meus votos, a completá-los antes de apresentá-los à sua honra. Sem dúvida, convenci-me de que não poderia lhe presentear com nada mais aceitável que com uma nova obra do mais antigo e abstruso conhecimento; uma obra de minha juventude curiosa, mas uma doutrina da Antiguidade, a qual ninguém, atrevo-me a dizer, tentou recuperar.

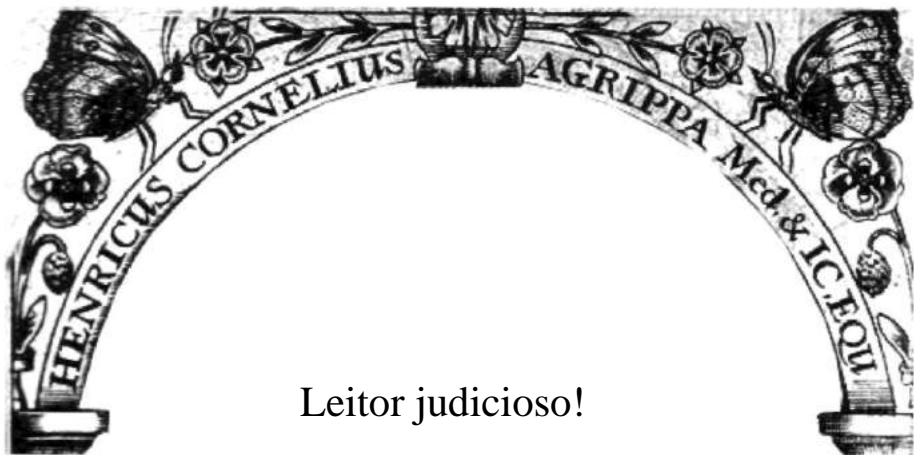
Embora minhas obras não tenham sido escritas para sua eminência, são dignas dela e podem abrir-me um caminho para a sua presença. Eu lhe imploro, se puder, deixe-as entrar. Eu serei devotadamente seu se estes estudos de minha juventude, por meio da autoridade de sua grandeza, ganharem conhecimento público, uma vez que o poder de sua dignidade expulsará a inveja. A lembrança destas obras é o fruto de uma boa consciência, agora que, sendo eu mais velho, elas me parecem ser benéficas e absolutamente necessárias de divulgação.

O que sua eminência tem, portanto, não é apenas o trabalho de minha juventude, mas de minha idade presente, pois corrigi muitos erros da obra de meus dias jovens. Inseri muitas coisas em muitos locais e acrescentei muitas coisas e diversos capítulos, o que pode ser facilmente percebido pela desigualdade do estilo; e assim saberá que por toda a minha vida serei devotado ao seu prazer. Adeus, felicíssimo príncipe da feliz Colônia.

De Mechlinia, Ano XXXI d.C. No mês de janeiro.

Nota - Ao reverendo padre

1. Esta carta também aparece como carta 13,1. 6 do Epistolário da *Opera* latina, 2:952-4.



Leitor judicioso!

Há o lado externo e o lado interno da Filosofia; mas o primeiro sem o segundo é como um adorno vazio. Entretanto, a maioria se contenta com isso. Ter

uma breve noção de uma Deidade, apreender alguns movimentos do mundo celestial, bem como suas operações comuns, e conceber algumas produções terrestres não passa de superficial e vulgar. Mas esta é a filosofia verdadeira, sublime, ainda que oculta: compreender as misteriosas influências do mundo intelectual sobre o celestial, e de ambos sobre o terrestre; saber como nos preparar e estar aptos para receber essas operações superiores, tornando-nos também capazes de realizar coisas maravilhosas, que parecem mesmo impossíveis ou pelo menos ilegais, quando na verdade elas podem ser efetuadas por um poder natural e sem ofensa a Deus ou violação à religião.

Defender reinos, descobrir os conselhos secretos dos homens, vencer os inimigos, redimir os cativos, aumentar a riqueza, obter o favor dos homens, eliminar doenças, preservar a saúde, prolongar a vida, ver e saber de coisas feitas a muitas milhas de

distância e outros feitos assim, por virtude de influências superiores, podem parecer coisas incríveis; leia, porém, o tratado a seguir e verá a possibilidade confirmada pela razão e pelo exemplo.

Falo agora com o leitor judicioso, pois quanto aos outros, não sabem, nem acreditam, nem querem saber coisa alguma, exceto o que for vulgar; tampouco pensam que além disso há algo que vale a pena saber; quando de fato existem mistérios profundos em todos os seres, desde Deus no mais alto dos céus até os demônios no mais baixo dos infernos; sim, em números, nomes, letras, caracteres, gestos, tempo, lugar e coisas assim, tudo discutido em profundidade por esse culto e douto autor.

Não posso negar que na obra dele há muita superstição e frivolidade. Mas lembre-se de que o melhor ouro deve ter o melhor preço; considere o leitor o tempo das trevas, e da juventude do autor, o momento e o lugar em que ele descobriu as coisas de que escreve, e admirará sua solidez, em vez de condenar sua frivolidade. O ouro tem muita negritude em toda a sua volta quando é extraído da terra. Verdades misteriosas não brilham como raios do Sol logo que

são libertadas de uma longa escuridão, mas encontram-se encobertas em obscuridade. Direi, ainda, que Agrippa talvez obscureça esses mistérios como um filósofo hermético, de propósito, para que só os filhos da arte os compreendam. Talvez ele misture o joio com o trigo, de modo que só os pássaros de vista apurada o identificariam, não deixando que os porcos o pisoteiem.

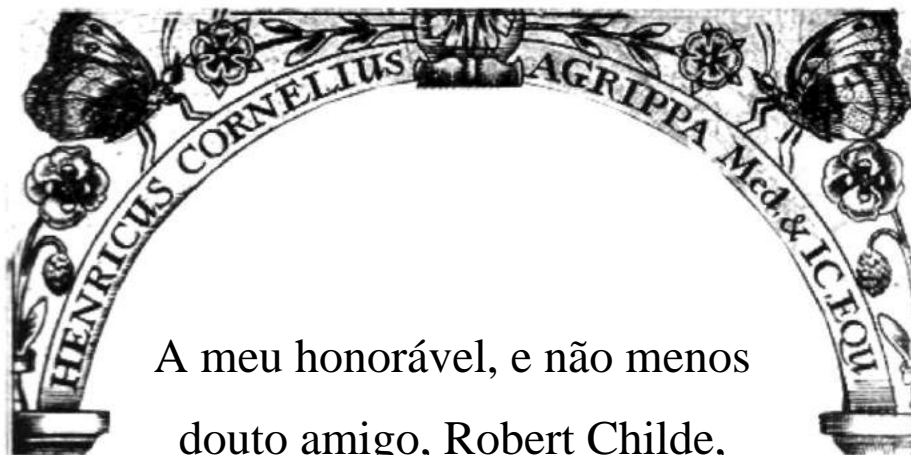
Previno-me de dizer muito que desculpe ou elogie o autor; pois no começo e no fim deste livro há várias epístolas dele e de outros, nas quais ele mesmo se desculpa; e de outros que louvam o que é mais valioso nele - entre os quais aquele honroso testemunho dado a ele pelo autor¹ da brilhante e sublime *Antroposofia Teomágica*, publicada recentemente. Só o que direi para persuadir o leitor a ler este livro é que eu desejo que você dê uma olhada no índice dos capítulos aqui contidos, que se encontra no fim:² e verá tamanha variedade de temas, que o deixará impaciente enquanto não ler tudo.

Atrevo-me agora a falar apenas um pouco de mim. Se essa minha tradução não corresponder ao valor do autor nem à expectativa do leitor, considere que a rudeza do estilo do autor em muitos lugares, as muitas erratas literais, como no caso de construção gramatical, podem, infelizmente, ter produzido erros na tradução. Mesmo assim, embora sem muita elegância (que, aliás, o tema não comportaria), espero ter usado frases tão inteligíveis em inglês quanto o original me permitia. Quanto aos termos de arte, que são muitos, vários deles não encontrariam expressão em inglês, por isso usei latinismos ou adaptações do grego, conforme os fui encontrando. Espero que um artista seja capaz de entendê-los. E quanto às erratas, uma leitura superficial do livro as revelará, como mencionado. Caso o leitor encontre mais, e é possível que encontre, seja leniente e atribua-as a erros de impressão; pois por tudo o que aqui eu lhe apresento, sei sempre será grato a este amigo.

Notas - Leitor judicioso!

1. Thomas Vaughan.

2. Provavelmente, Freake se refere ao fim da primeira parte, já que esse é o local em que o índice se encontra, tanto na versão em inglês quanto em latim.



A meu honorável, e não menos
douto amigo, Robert Childe,
doutor em Física



Senhor! Grandes homens declinam, homens poderosos podem cair, mas um filósofo honesto mantém seu posto para sempre. A você, portanto, eu peço permissão para apresentar o que sei que você será capaz de proteger; não com a espada, mas com a razão; e não apenas isso, mas também com sua aceitação, será capaz de acrescentar brilho. Vejo que não foi em vão que você percorreu mar e terra, pois fez não de outro, mas de si mesmo, um prosélito, convertendo-se das vulgares e irracionais incredulidades para a adoção racional das verdades sublimes, herméticas e teomágicas. Em uma, é hábil como se *Hermes* tivesse sido seu tutor; em outra, tem um discernimento como se *Agrippa* fosse seu mestre.

Com muitos filósofos ultramarinos, dos quais nós apenas lemos, você conversou: muitos países, raridades e antiguidades de que só ouvimos falar você viu. Aliás, você não apenas ouviu, mas viu, não só em mapas, mas na própria Roma os modos de Roma. Lá, observou muita cerimônia, e pouca religião; e na selvageria da Nova Inglaterra, você viu

entre alguns não a religião nem a cerimônia, mas o que a natureza lhes dita. E a variedade disso não é pequena, nem sua observação limitada. Em sua passagem lá por mar, você viu as maravilhas de Deus nas profundezas; e, por terra, você viu as fantásticas obras de Deus nas montanhas inacessíveis. Não deixou de olhar por baixo de nenhuma pedra, olhar este que o levou à descoberta do que era oculto e digno de ser exposto.

É parte de minha ambição levar o mundo a saber que eu honro pessoas como você, e meu douto amigo, e seu colega de viagem, o doutor Charlet, que, como verdadeiros filósofos, abrem mão de suas vantagens mundanas para se tornar mestres daquilo que os tornou hoje verdadeiramente honoráveis. Ainda que eu soubesse tantas línguas quanto vocês, as expressões retóricas e patéticas de cada uma não seriam suficientes para eu expressar minha estima e afeição pelos dois.

Agora, Senhor! Em referência a essa minha tradução, se seu julgamento encontrar alguma falha nela, tenha a candura de suprir a falta. Que este tratado De Filosofia Oculta

chegando como um estranho para os ingleses seja apreciado por você, lembrando que também foi um estranho no país de origem de tal texto. Esse estranho, eu vesti com trajes ingleses; se não estiverem de acordo com a moda, e for um tanto desagradável, que a sua apreciação o corrija; você sabe que estrangeiros costumam induzir uma moda, principalmente se seus hábitos forem apreciados. A sua aprovação é aquilo de que esta obra precisa, e que me deixará profundamente grato,

Sinceramente seu,

James Freake

Estudiosos pragmáticos, homens feitos de orgulho

E argumentos vociferantes que zombam da verdade,

E caçoam de tudo o que vocês criam,

E acham que esses tratados de grande conhecimento não passam de mentiras,

Não ousem, exceto com mãos beatificadas,

Tocar nesses livros que ficarão com o mundo;

São eles de fato misteriosos, raros e ricos,

E transcendem em muito o comum.

Io.Booker